



LUCIENE CRISTINA RUEDELL

**HABILIDADES SOCIAIS DE MULHERES VÍTIMAS DE
RELACIONAMENTO ABUSIVO**

**Sinop/MT
2021**

LUCIENE CRISTINA RUEDELL

**HABILIDADES SOCIAIS DE MULHERES VÍTIMAS DE
RELACIONAMENTO ABUSIVO**

Projeto de Monografia I apresentado à Banca Avaliadora do curso de Psicologia – UNIFASIPE, Campus de Sinop-MT, como requisito para aprovação na disciplina de Monografia II do 10º semestre de Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Cleoni Carmem Regauer

LUCIENE CRISTINA RUEDELL

**HABILIDADES SOCIAIS DE MULHERES VÍTIMAS DE
RELACIONAMENTO ABUSIVO**

Projeto de Monografia I apresentado à Banca Avaliadora do curso de Psicologia – UNIFASIPE, Campus de Sinop-MT, como requisito para aprovação na disciplina de Monografia II do 10º semestre de Psicologia.

Aprovado em: ____ de _____ 2021.

Cleoni Carmem Regauer
Professora Orientadora
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Professor (a) Avaliador (a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Professor (a) Avaliador (a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Ana Paula Pereira Cesar
Coordenadora do Curso de Psicologia
UNIFASIPE

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Alberto (in memoriam) e Noemia, por serem tudo pra mim, por me apoiarem e nunca me desampararem.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por possibilitar tal feito, por me sustentar em suas mãos e conseguir minha graduação

A mim, por ter lutado para chegar até aqui,

Aos meus pais Alberto Almir Ruedell (um memorial) e Noêmia Trumm, por serem minha rocha e alicerce, sempre me apoiando e encorajando,

Ao meu esposo, Antônio Manuel Silva da Rosa, que acima de tudo é meu melhor amigo, por não deixar que eu desistisse ou caísse no meio do caminho,

A minha filha, Arya Cristina, por ser minha calma e minha paz em momentos de tormenta,

E a todos amigos e professores, que me acompanharam até aqui.

"O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer".

(Albert Einstein)

RESUMO

Compreender o que são as habilidades sociais é um importante ponto para entender como uma mulher vítima de relacionamento abusivo tem deficiências em suas habilidades. Esta pesquisa se justificou por ressaltar o efeito que as habilidades sociais deficitárias causaram na vida das mulheres que passaram por relacionamentos abusivos, pois ao entender esse cenário de forma mais estruturada, será possível entender que a psicologia seja capaz de auxiliar essas mulheres a construir um repertório comportamental mais produtivo para enfrentamento do abuso sofrido e assim diminuir a dificuldade que elas têm em serem mais assertivas e comunicativas. A problematização que norteou este estudo referiu-se as habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo, bem como o risco de vida que essas mulheres sofrem ao estarem em relacionamentos abusivos. Desta forma, este projeto de pesquisa destacou a importância do aprendizado desde a infância sobre as habilidades sociais, garantindo que a criança já cresça com a ideia de comportamentos socialmente habilidosos. Por consequente, este estudo destacou uma abordagem quantitativa baseada em relatos, a fim de levantar e desenvolver hipóteses e definição de relações, explicando o porquê das coisas. Este trabalho teve como objetivo analisar as Habilidades Sociais de mulheres vítimas de relacionamento abusivo por tempos diferentes de abuso, bem como entender o que é o relacionamento e como ele se caracteriza no contexto cultural e atual, trazer a identificação das principais habilidades sociais nessas mulheres e comparar as habilidades sociais por tempo de abuso. A coleta de dados foi realizada com uma amostra de 05 mulheres inseridas no projeto Amaplis em Sinop-MT e que já recebem ajuda psicológica, tendo como os seguintes critérios de escolha as participantes: faixa etária de 20 a 40 anos, que tenha sofrido algum tipo de relação abusiva e que estejam participando ativamente das reuniões que ocorrem na própria base onde funciona o projeto. A coleta de dados foi realizada através da aplicação de um questionário de criação própria da pesquisadora, com o intuito de levantar quais as habilidades deficitárias nas participantes da pesquisa. Assim, confirmou-se a hipótese de que as principais habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo são assertividade e a comunicação. O estudo pode identificar as habilidades deficitárias em mulheres que já sofreram algum tipo de abuso em seus relacionamentos em momentos diferentes de abuso e avaliou os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário de habilidades sociais criados pela autora, sendo possível identificar as habilidades sociais deficitárias nessas mulheres.

Palavras-chave: Competência social. Habilidades sociais. Violência contra as mulheres.

ABSTRACT

Understanding what social skills are is an important point to understand how a woman who is a victim of abusive relationships has deficiencies in her abilities. This research is justified by emphasizing the effect that deficient social skills have on the lives of women who go through abusive relationships, because by understanding this scenario in a more structured way, it will be possible for psychology to be able to help these women build a more productive behavioral repertoire to cope with the abuse suffered and thus reduce the difficulty they have in being more assertive and communicative. The problematization that north or this study refers to was the deficient social skills in women victims of abusive relationships, as well as the risk of life that these women suffer from being in abusive relationships. Thus, this research project of this research highlighted the importance of learning since childhood about social skills, ensuring that the child already grows up with the idea of socially skilled behaviors. Consequently, this study has an explanatory approach based on reports, in order to raise and develop hypotheses and define relationships, explaining why things. This work aims to smooth the Social Skills of women victims of abusive relationships for different times of abuse, as well as to understand what the relationship is and how it is characterized in the cultural and current context, bring the identification of the main social skills in these women, and compare social skills by time of abuse. Data collection was performed with a sample of 05 women inserted in the Amaplis project in Sinop-MT and who already receive psychological help, having as the following criteria of choice the participants: age group 20 to 40 years, who have suffered abusive relationship and who are actively participating in the meetings that take place in the very base where the project works. Data collection was performed through the application of a questionnaire of the researcher's own creation, to raise the deficient skills in the research participants. Thus, it is confirmed that the main deficient social skills in women victims of abusive relationships are assertiveness and communication. It is all about identifying the deficient skills in women who have already suffered abuse in their relationships at different times of abuse and evaluated or the results obtained from the application of the social skills questionnaire created by the author, being possible to identify the deficient social skills in these women.

Keywords: Social competence. Social skills. Violence against women.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HS – Habilidades Sociais

IHS – Inventário de Habilidades Sociais

OMS – Organização Mundial da Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

THS – Treinamento de Habilidades Sociais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Problematização	12
1.2 Hipótese	13
1.3 Justificativa	13
1.4 Objetivos	14
1.4.1 Objetivo Geral	14
1.4.2 Objetivos Específicos	14
2. REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 Teoria da aprendizagem	15
2.1.1 Teoria da aprendizagem comportamental - behaviorismo	17
2.1.2 Teoria da aprendizagem social de Bandura	21
2.2 Habilidades Sociais	23
2.2.1 Classes de Habilidade Sociais	25
2.2.1.1 Comunicação	26
2.2.1.2 Assertividade	27
2.2.1.3 Capacidade empática	28
2.2.1.4 Auto apresentação positiva	28
2.2.1.5 Capacidade reforçadora	29
2.2.1.6 Civilidade	29
2.2.2 Competência social	29
2.2.3 Treinamento de habilidades sociais	30
2.2.3.1 Formato do treinamento de habilidades sociais	31
2.3 Relacionamento abusivo	34
2.3.1 Violência psicológica	36
2.3.2 Violência Física	36
2.3.3 Violência Sexual	37
2.3.4 Violência Patriarcal	37
2.3.5 Violência moral	37
2.3.6 Características de relacionamento abusivo	38
2.3.6.1 Controle	38
2.3.6.2 Invasão	38
2.3.6.3 Machismo	39
2.3.7 Percurso do relacionamento abusivo	40

2.4 Competências sociais de vítimas de relacionamento abusivo	41
2.5 Perfil comportamental da vítima de um relacionamento abusivo	43
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.1 Tipo de Pesquisa	45
3.2 População e Amostra.....	46
3.3 Coleta de dados.....	46
4.0 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	48
5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	63
APÊNDICE A	65
APÊNDICE B	Erro! Indicador não definido.5

1. INTRODUÇÃO

As habilidades sociais são entendidas como um conjunto de comportamentos que o indivíduo adquire, que o capacita para lidar com as circunstâncias sociais do cotidiano. Os estudos acerca de habilidades sociais buscam compreender qual associação entre um conjunto de comportamentos deficitários e saudáveis tem entre si, bem como diferenciar as etapas de evolução e possibilidades de aplicar as habilidades sociais ao longo do desenvolvimento humano. Pessoas que apresentam algum tipo de déficit em alguma das habilidades sociais certamente encontrarão dificuldades na sociedade.

Algumas classes de habilidades sociais são assertividade, capacidade empática, capacidade de auto apresentação, civilidade e capacidade reforçadora. Nenhum indivíduo nasce com essas habilidades, porém podem ser desenvolvidas ao longo da vida do ser humano ou através de um programa voltado para o treinamento das habilidades sociais.

Ao passo que se sabe da importância das habilidades sociais, salienta-se que em circunstâncias normais, a resposta de um indivíduo ao enfrentar ameaças ou abusos deveria ser evitação, mas em um ambiente de relacionamento, a violência contra a mulher ocorre periodicamente. Uma das circunstâncias que impedem as mulheres de encontrar maneiras alternativas de escapar de relacionamentos abusivos e violentos, é a influência da aprendizagem que modelou o padrão de comportamentos a serem tomados como normais, com base nos estados mentais internos já moldados dentro do ciclo abusivo.

A violência contra a mulher é considerada atualmente uma questão de saúde pública, direitos humanos, segurança pública e justiça. A Organização Mundial da Saúde (OMS) vê esse tema como um grave problema global, carente de políticas de proteção e prevenção, e enfatiza que é uma prioridade urgente por seu crescimento e impacto na saúde social. Em meio a pandemia do Covid-19 desde 2020, os números e relatos de relacionamentos abusivos aumentaram, visto que o isolamento social tornou as vítimas mais próximas de seus agressores.

Pensando em todo o cenário dos relacionamentos abusivos e suas consequências na saúde física e emocional, esta pesquisa apresentou resultados das habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo. Para isso foi necessário, neste projeto de pesquisa, explorar conceitos sobre aprendizagem, comportamento, habilidades, competências, treinamento de habilidades sociais e as características dos relacionamentos abusivos.

1.1 Problematização

É expressivo o crescente número de mulheres vítimas de relacionamento abusivo no Brasil, cerca de 1,3 milhões de mulheres sofreram algum tipo de violência em 2019. Segundo o Datafolha de 2020, nos primeiros quatro meses do mesmo ano houve um crescimento médio de 14,1% de denúncias acerca da violência contra mulher, fora mulheres que não conseguiram denunciar a violência sofrida.

A violência contra mulher vem de gerações antigas até os dias de hoje, na qual se depara com uma cultura brasileira que apesar de estar vagarosamente evoluindo, ainda consiste em uma cultura patriarcal, que até o presente momento tolera casos de violência contra mulher.

Até pouquíssimo tempo, vivia-se em um Brasil colonial que, em casos de adultério o homem poderia matar sua esposa e ter penas reduzidas, ao passo que a mesma lei não se aplicaria a mulheres na mesma condição, segundo o art. 25 da lei denominada legitima defesa da honra descrevia que “entende-se como legitima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem”, lei que só foi revisada em fevereiro de 2021.

É evidente que a mulher ainda hoje sofre violência, desigualdade social, machismo. Segundo Araújo (2008), nossa sociedade insiste na mentalidade que a mulher deve ser dominada, controlada e submetida a fazer o que seu companheiro necessita e, esta crença de posse e propriedade da figura feminina, ampliou ainda mais durante período de pandemia, obrigando a permanência forçosa de homens e mulheres dentro de casa devido ao isolamento social e os trabalhos home office, que associado ao afastamento de uma rede apoio familiar e social, tornou-se em um terreno fértil para aumentar ainda mais os impactos negativos diante de relacionamentos abusivos.

O cenário primitivo e machista arraigado na sociedade traz a ausência da liberdade feminina, uma mulher que está sofrendo com um relacionamento abusivo se limita a fazer o que seu agressor quer, em uma forma de minimizar o sofrimento. Quando uma mulher aprende desde cedo sobre as habilidades sociais, ela entende que as pessoas não podem falar e fazer com ela como quiserem, porém ela regra se aplica ao contrário, quando essa mulher já vem de históricos onde suas habilidades sociais já estão deficitárias elas tão pouco conseguirão ser assertivas a ponto de sair do quadro de vítima. Diante disso, surge-se a seguinte indagação: Quais as principais habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo?

1.2 Hipótese

As principais habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo são assertividade e a comunicação.

1.3 Justificativa

Diariamente no Brasil e no mundo mulheres são vítimas de relacionamento abusivo por parte de seus companheiros, pesquisa acerca de violência contra mulher estão cada vez mais em evidência. Ressalta-se a importância dessa pesquisa tendo em vista ao entender as principais consequências trazidas por mulheres vítimas de relacionamento abusivo, é possível que a sociedade como um todo possa visualizar de forma diferente que essa mulher está passando e minimizar o julgamento para com ela.

Fortalecer a discussão com toda sociedade para a problemática de relacionamento abusivo pode proporcionar à comunidade científica dados relevantes para que ela possa contextualizar o crescente número de vítimas que sofrem por abuso em seus relacionamentos, trazendo à tona pesquisas que mostram a realidade que mulheres vítimas apresentam em seu dia a dia.

Além da relevância já descrita nos parágrafos anteriores, esta pesquisa se justifica por ressaltar o efeito que as habilidades sociais deficitárias poderão causar na vida das mulheres que passam por relacionamentos abusivos, pois ao entender esse cenário de forma mais estruturada, é possível que a psicologia seja capaz de auxiliar essas mulheres a construir um repertório comportamental mais produtivo para enfrentamento do abuso sofrido e assim diminuir a dificuldade que elas tem em serem mais assertivas e comunicativas. Utilizando dessa forma de todo apoio emocional que a psicologia é apta a oferecer ao construir estratégias que facilitem o processo de enfrentamento dessas mulheres.

Quando uma mulher vítima de relacionamento abusivo se apropriar do verdadeiro comprometimento que estar em uma relação abusiva pode trazer à sua família e, a sua vida, a sua estrutura psicológica, para as pessoas que ela ama, caberá a esta mulher compreender que tipo de habilidade social ela deve exercer que poderá tirá-la dessa situação de vítima. Mulheres que vivenciam essa experiência de abuso em seus relacionamentos, tende a se sentirem culpadas, retroalimentando a culpa de estar assim e não conseguir sair, com a baixa autoestima que este relacionamento reforça, logo essa mulher sente que é melhor ter um relacionamento fracassado do que não se relacionar.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

Analisar as Habilidades Sociais de mulheres vítimas de relacionamento abusivo.

1.4.2 Objetivos Específicos

-Entender o que é o relacionamento abuso e como ele se caracteriza no contexto atual e cultural;

-Identificar as principais habilidades sociais no contexto atual de mulheres vítimas de relacionamento abusivo;

-Conhecer as habilidades sociais comprometidas em mulheres vítimas de relacionamento abusivo;

-Comparar as habilidades sociais de mulheres vítimas por tempo de abuso.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Teoria da aprendizagem

Pozo (2002) reflete que ao se discutir a respeito da violência de gênero e os costumes prejudiciais enraizados na sociedade, é importante ressaltar a relevância do aprendizado no contexto social, uma vez que para Stival (2014), todo o comportamento humano que ocorre em um grupo, tem por característica a adaptação ao meio, sendo a maioria advinda do ambiente social primário do indivíduo, que em geral, é o seio familiar.

A psicologia possui uma grande quantidade de abordagens que buscam explicar de maneira concisa a formação do aprendizado humano, como ele surge, se consolida e qual a sua importância no conceito do convívio social (ILLERIS, 2013; SILVA; FONSECA, 2019).

Illeris (2013) afirma que investigar a origem do conhecimento humano e como funciona seu desenvolvimento em contexto social, psicológico e biológico é um papel extremamente complexo, devido a muitos fatores ligados a compreensão do que é o conhecimento. Para iniciar a análise desse conceito, Souza (2015), divide as concepções em grupos, dentre eles, as teorias que afirmam que o aprendizado é um fator ligado completamente a um nível determinístico de capacidade biológica e inata de cada sujeito e o grupo de teorias que abordam a aprendizagem como algo homogêneo, sendo ela, fruto de inteligências diferentes, que seguem propósitos diferentes e possuem potenciais de evolução gradual e constante.

Dentre as teorias da aprendizagem, destacam-se alguns pesquisadores como Bandura, Paulo Freire, Gardiner e Piaget, os quais fizeram parte de um longo processo de desenvolvimento de linhas teóricas que abordam a inteligência e o saber como características intrínsecas de cada indivíduo, de caráter único e exclusivo das pessoas (OSTERMANN, 2011).

Na visão de Bandura (2008) e Illeris (2013), as características intelectuais, apesar de fazer parte de um determinado grupo de saberes relacionados a áreas específicas da atuação humana, são aprendidos com base nos estímulos e influências do meio e são reproduzidos e utilizados de acordo com a demanda e necessidade que a pessoa encontra em sua vida.

Partindo das definições de aprendizagem, Barreto (2018), infere que vítimas de relacionamentos abusivos, mesmo com agressões, violência psicológica e abusos diversos, ainda expressam sentimentos e dependência emocional para com o agressor, uma vez que há aprendizado da dependência, fruto da necessidade de tentar manter uma imagem moral perfeita frente a sociedade e a tendência a querer suprimir sentimentos negativos e reproduzir uma faceta

de perfeição, costumes incitados desde muito cedo na sociedade e que estão presentes na cultura de muitas famílias.

Segundo Ostermann (2011), uma característica que todas as teorias da aprendizagem possuem em comum, é o fato de que o desenvolvimento psicossocial infanto-juvenil e as noções de certo e errado que estão ao redor de cada indivíduo na sociedade, moldam sua visão de mundo desde cedo, sendo a base da construção da personalidade, dos gostos, escolhas e preferências, transformando completamente um sujeito sem características psicológicas distintas, em um ser humano com uma identidade única e tendências sociais características de um grupo ao qual pertence.

As abordagens psicológicas que envolvem linhas mais humanistas e existencialistas, entendem a formação da identidade através do aprendizado como fruto de escolhas graduais, tomadas inicialmente por um intermediador, o qual, a princípio introduz conceitos que fazem parte de sua moral pessoal, como no caso dos pais para com os filhos, que com o tempo passam a se tornar autônomos e realizar suas escolhas próprias, baseando-se naquilo já aprendido, com tendências a seguir o mesmo conjunto de regras morais previamente indicados (SILVA; FONSECA, 2019; SOUZA, 2015).

Ostermann (2011), complementa que ao se trabalhar o aprendizado de um indivíduo nas abordagens teóricas humanistas e existencialistas, é bem comum se deparar com conceitos que envolvem a importância que se dá ao que o indivíduo irá fazer e com o que os outros fizeram dele, demonstrando assim, uma grande parcela de responsabilidade de aprendizados do passado, frente às escolhas em situações presentes, deixando ainda espaço para a busca de escolhas razoavelmente arbitrárias, que gerarão novas consequências e resultarão em novos aprendizados.

Sob outra óptica, algumas abordagens advindas de linhas analíticas buscam explicar o comportamento humano como algo resultante das forças de atuação de mecanismos presentes em instâncias mentais, como o caso da psicanálise, que atua com base na suposição de que seres humanos possuem uma mente dividida em três partes, a mente consciente, que é a parte totalmente acessível a lógica, memória e utilização prazer do indivíduo, a mente pré-consciente, que consiste em uma parte da mente com menor acesso do sujeito, mas que ainda pode ter suas informações acessadas e recuperadas pelo indivíduo e, a mente inconsciente, responsável pelos impulsos que estão por trás da maioria das escolhas humanas (ILLERIS, 2013; POZO, 2002).

A abordagem psicanalítica compreende as relações abusivas e comportamentos sociais machistas como fruto de uma construção baseada em complexos e formações de estruturas psíquicas durante a infância, que possuem relação direta com o pai e a mãe da criança,

direcionando o modo como o indivíduo irá construir sua personalidade (ILLERIS, 2013). Sendo assim, o ato de permitir-se vivenciar relacionamentos abusivos, estaria ligado a impulsos inconscientes, que teriam origens na infância da vítima, a qual provavelmente passou por empecilhos nos desenvolvimentos das fases psicosexuais ou encontrou problemas durante os processos de castração nas relações presentes no seio familiar (PORTO-CRUZ; BUCHER-MALUSCHKE, 2014).

As teorias analíticas, conforme destacadas por Papalia e Feldman (2013), seguem um padrão de pensamento mentalista, indicando que as ações e escolhas humanas são frutos de estruturas mentais que as comandam, que por sua vez são construídas no desenvolvimento infantil e permeiam agregando informações e executando comandos até o fim da vida.

Por muitos anos as abordagens analíticas foram tomadas como uma justificativa essencialmente cabível para a explicação do comportamento humano, no entanto, pesquisadores como Pavlov, Jhon B. Watson e B. F. Skinner foram responsáveis por construir, estabelecer e disseminar uma das abordagens teóricas que ganhou maior repercussão no meio acadêmico dos séculos XIX e XX, o Behaviorismo (MOREIRA, 2007).

2.1.1 Teoria da aprendizagem comportamental - behaviorismo

Beck (2013), lembra que durante muito tempo já se falava em uma linha teórica voltada ao estudo do comportamento humano observável, desde os princípios das indagações a respeito da mente e do comportamento humano, pensadores, filósofos e cientistas se opuseram às visões puramente mentalistas do comportamento humano.

A insatisfação com métodos introspectivos e uma crescente busca por métodos objetivos de uma psicologia de cunho mais direto e prático, levaram pesquisadores a desenvolver teorias mais mecânicas de cunho experimental (LEÃO; DUTRA, 2018).

Ivan Pavlov por exemplo, iniciou sua pesquisa do condicionamento animal, após observar o comportamento de salivação dos cães frente a exposição a um estímulo que gerava desejo, o alimento. Em conjunto a essa exposição, era tocada uma campainha, que com o passar do tempo, passou a ser identificada como um estímulo excitante, fazendo os cães salivarem ao escutá-la, mesmo na ausência do alimento. Isso ficou conhecido como condicionamento clássico através do pareamento de estímulos (MOREIRA, 2007).

O condicionamento consiste no ato de eliciar, incitar uma resposta através de um estímulo através do emparelhamento. O ato de pareamento ou emparelhamento consiste em associar um estímulo neutro a um estímulo eliciador, conhecido como um estímulo incondicionado que já produzia uma resposta naturalmente, para que ele passe a produzir o

mesmo efeito, mesmo na ausência do estímulo eliciador tornando-se assim um estímulo condicionado (OSTERMANN, 2011).

O efeito do condicionamento foi posteriormente testado em humanos por Jhon B. Watson e gerou os mesmos resultados. Iniciando assim, o que viria a ser uma teoria psicologia de cunho científico reproduzível, com técnicas definidas e totalmente observáveis (BISACCIONI; CARVALHO NETO, 2010).

O Behaviorismo inicialmente se preocupou em buscar explicações para o comportamento humano através de experimentos empíricos, utilizando testes, métodos e experimentos, construindo assim uma teoria da aprendizagem comportamental (SILVA; FONSECA, 2019).

Leão e Dutra (2018), afirmam que essa linha teórica ganhou espaço por conta do viés experimental positivista que apresentava hipótese, métodos e resultados passíveis de reprodução, tornando-se assim, na psicologia, a primeira abordagem com uma teoria científica estruturalmente complexa e possível de experimentação.

A teoria comportamental não possui um conjunto de conceitos totalmente definitivos e é amplamente discutida por diversos autores, sendo as principais vertentes o behaviorismo metodológico, atribuído a Jhon B. Watson e o Behaviorismo radical atribuído a B. F. Skinner (BECK, 2013).

Jhon B. Watson, com base nos conceitos encontrados nos trabalhos dos filósofos pesquisadores Vladimir M. Bechterev e Ivan P. Pavlov, desenvolveu sua teoria da aprendizagem, a qual foi denominada behaviorismo metodológico, ou behaviorismo clássico, o qual entende a construção do comportamento de todos os animais, incluindo os humanos, como resultante das interações com o meio, descartando as possibilidades introspectivas relacionadas a mente e emoções, sendo essa última um dos resultados de interação com o meio, que já possuem pré-disposição a se desenvolver no indivíduo com base nas suas experiências (MOREIRA, 2007).

Em sua teoria, Watson enfatiza que o comportamento humano pode ser modelado e reestruturado através de estímulos, como por exemplo, moldar o comportamento de uma criança através da exposição a estímulos, o que foi não só teorizado, mas experimentado por ele, em público, em um experimento que ficou conhecido como “o experimento do pequeno Albert”, no qual um bebê foi apresentado a um estímulo sonoro aversivo quando entrava em contato com um animal peludo, fazendo com que a informação aversiva fosse pareada à presença do animal, desenvolvendo no pequeno Albert um medo de animais peludos (HARRIS, 1979).

Tal experimento foi tido como polêmico, não só pelo fato de ter como objeto de pesquisa uma criança humana, mas por confirmar que seres humanos são passíveis de condicionamento da mesma forma que quaisquer outros animais, afrontando as construções teóricas vigentes até então, que tinham como base a introspecção e explicações mentais para a superioridade do intelecto humano, as quais já fomentavam e se popularizavam suavemente até mesmo em cultos e meios religiosos de maneira mais discreta, principalmente em religiões de cunho espírita (BISACCIONI; CARVALHO NETO, 2010).

O behaviorismo foi durante décadas do século XIX e XX a teoria predominante em meio a psicologia acadêmica e apenas recentemente, na metade do século XX perdeu um pouco de seu espaço para as linhas cognitivistas, que, com o apoio da neurociência, da inteligência artificial e da psicolinguística surgiram para fomentar a teoria comportamental, acrescentando características introspectivas na modelagem do comportamento, buscando ao mesmo tempo seguir uma linha de pesquisa positivista com um objeto de estudo passível de mensuração e testes (RANGÉ *et al.*, 1995).

Beck (2013) e Rangé *et al.* (1995), reforçam que tais abordagens cognitivas foram impulsionadas principalmente pelo desenvolvimento dos computadores e inteligências artificiais em conjunto com o avanço das descobertas acerca do cérebro advindos do avanço das pesquisas da neurociência. Fazendo um paralelo no sentido amplo, essa área traça uma relação entre o funcionamento dos sistemas operacionais e a mente humana, além de levar completamente em conta os aspectos do comportamento e interação humana com o meio nessa relação entre a cognição e comportamento. O que veio a ser conhecido como psicologia cognitiva ou neurocognitiva, que é uma das constituintes da filosofia da mente contemporânea.

Jean Piaget, considerado um dos principais precursores das linhas cognitivistas, buscou em seus experimentos, demonstrar que o ser humano e seu aparelho psíquico aprendem com o meio e exercem capacidade cognitiva, de acordo com o que lhe é propiciado frente ao desenvolvimento momentâneo de seu aparelho cognitivo (POZO, 2002).

Durante cada período específico do desenvolvimento da criança, desde seu nascimento até a chegada da vida adulta, o indivíduo passa por fases essenciais para o desenvolvimento de seus conceitos, habilidades e personalidade (ILLERIS, 2013).

Watson, em continuidade com as ideias de Pavlov, estabeleceu sua prática científica com base no condicionamento dos indivíduos, os quais, em sua teoria conhecida como behaviorismo clássico, passavam por um processo de emparelhamento de estímulos, buscando a modificação de comportamentos de acordo com o desejado pelo aplicador, o que ficou conhecido como condicionamento clássico (HARRIS, 1979).

No entanto, posteriormente, um grande precursor de um novo modelo de behaviorismo, acrescentou conceitos no processo de condicionamento, desenvolvendo o condicionamento operante (SILVA; FONSECA, 2019).

Moreira (2007), explica que o Behaviorismo ganhou ainda mais visibilidade com a contribuição de B. F. Skinner, que acrescentou alguns conceitos como o reforço positivo e negativo, punição positiva e negativa e extinção do comportamento. Tais conceitos foram desenvolvidos e aplicados em experimentos laboratoriais e fazem até hoje, parte do que é conhecida como análise do comportamento aplicada.

A teoria de B. F. Skinner, ficou conhecida como behaviorismo radical e veio através da experimentação, demonstrar que o todos os animais, inclusive os seres humanos, não possuem exatamente um livre arbítrio, mas suas as ações e escolhas são frutos de uma modelagem do meio, baseada em seus reforços e punições (SKINNER, 1963).

A concepção skinneriana de aprendizagem está relacionada a uma questão de modificação do desempenho: o bom ensino depende de organizar eficientemente as condições estimuladoras, de modo a que o aluno saia da situação de aprendizagem diferente de como entrou. O ensino é um processo de condicionamento através do uso de reforçamento das respostas que se quer obter. Assim, os sistemas instrucionais visam o controle do comportamento individual face a objetivos pré-estabelecidos. Trata-se de um enfoque diretivo do ensino, centrado no controle das condições que cercam o organismo que se comporta (OSTERMANN, 2011, p. 22).

Sobre o primeiro conceito de aprendizagem, o reforço, pode ser entendido como a recompensa pela execução de um determinado comportamento, podendo ser ele positivo, onde, após o indivíduo realizar um determinado comportamento é recompensado com o ganho de algo que o agrada, como por exemplo, uma criança que arruma o quarto e ganha um presente, ou o reforço negativo, que consiste na retirada de um estímulo aversivo frente a um comportamento desejável, como por exemplo, quando a criança faz o dever de casa e por conta disso sai do castigo, aumentando a chance do comportamento se repetir (SKINNER, 1963; ILLERIS, 2013).

A punição, outro conceito do behaviorismo, por sua vez, também podem ser dividida em positiva que consiste no acréscimo de um estímulo negativo frente a um comportamento indesejado, como por exemplo um choque elétrico ao se colocar um garfo na tomada, e punição negativa, quando se retira algo prazeroso do indivíduo diante de um comportamento indesejado, como por exemplo, tirar um brinquedo de uma criança que não se comportou. A punição, tanto a positiva, quanto negativa, é responsável por diminuir as chances de um comportamento voltar a ocorrer (MOREIRA, 2007).

O fenômeno conhecido com extinção, compreende a parada completa da ocorrência de um determinado comportamento, ocorrendo geralmente através da punição e da falta de

recompensa, como por exemplo, quando um tabagista para de fumar após sofrer aversões decorrentes do uso de cigarro, ou simplesmente para de sentir o mesmo prazer que sentia quando começou a fumar (BECK, 2013; RANGÉ *et al.*, 1995).

Outro fenômeno não incomum citado por Moreira (2007), é a reincidência, que tem por característica a volta de um determinado comportamento já extinto, muito tempo após a sua extinção, que costuma ser uma ocorrência mais fraca e ocasional, que, quando não reforçada, em geral, costuma voltar ao patamar de extinção.

A abordagem behaviorista revolucionou a visão da psicologia acerca do comportamento humano, tornando-o menos místico e mais acessível à mudanças e controle. A construção do aprendizado se tornou cada vez mais modeladora e os profissionais da psicologia passaram a estudar cada vez mais métodos de modelagem e possibilidades de utilização da abordagem no cotidiano de pacientes e em locais como escolas e até mesmo presídios (ILLERIS, 2013; MOREIRA, 2011; STIVAL, 2014).

É durante a infância que ocorre a construção da aprendizagem humana, em específico os parâmetros de comportamento e conceitos de certo e errado, tendo como base inicial a família e como bases secundárias os meios sociais como escola e amigos. É em meio a essas interações sociais que costumes como condutas machistas se reforçam e evoluem socialmente (LEÃO; DUTRA, 2018).

Illeris (2013) e Stival (2014), ampliam a concepção de que em uma sociedade onde os conceitos tidos como corretos e conservadores são os comportamentos machistas, agressivos e rústicos, o indivíduo, para se enquadrar ao meio, imita esses aprendizados e é reforçado positivamente com a aceitação do grupo. Já o indivíduo que não segue esse padrão é punido com a rejeição.

Tal fenômeno só demonstra o quanto o behaviorismo, as teorias da cognição e a pesquisa dos comportamentos sociais possuem importância no que concerne ao estudo da violência contra a mulher (LEÃO; DUTRA, 2018; STIVAL, 2014).

2.1.2 Teoria da aprendizagem social de Bandura

Uma das teorias da aprendizagem fortemente considerada como a teoria ponte entre o aprendizado behaviorista e o aprendizado cognitivo, é a teoria da aprendizagem social de Bandura, que declara que o aprendizado do indivíduo ocorre através de suas experiências com o meio, porém a forma como ele será mantida depende do estado mental pré-existente no sujeito, no momento em que o estímulo ocorre (BANDURA, 2008).

A teoria de aprendizagem social designa uma teoria dos fenômenos psicológicos que não recusava os princípios centrais do comportamentismo, mas punha em relevo alguns aspetos do comportamento que escapavam à abordagem ortodoxa comportamentista, tais como os comportamentos resultantes de observação e imitação (AZEVEDO, 1997, p. 01).

Bandura reforça ideias como as da teoria de Piaget, que apesar de não se focar exatamente em uma teoria da aprendizagem e sim em uma teoria do desenvolvimento humano, referindo-se a quatro períodos de desenvolvimento geral cognitivo: a fase sensório-motora, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal. Fases essas as quais as informações são assimiladas e acomodadas pelo sujeito (OSTERMANN, 2011).

Os aprendizes, assim referidos por Bandura, representam os sujeitos que estão em um contexto social no qual necessitam se ajustar e se adaptar, o que requer aprendizado através da observação e experiencição de situações. Esse aprendizado social, na visão de Freitas e Dias (2010), ocorre em diversos contextos, não só em casa, mas também na escola, igreja e em outros lugares onde dois ou mais indivíduos estão interagindo.

Os principais pontos da teoria de Bandura, envolvem as habilidades latentes, os estados de motivação, capacidade de adaptação ao meio e níveis de habilidades psicológicas básicas, como atenção e memória. De acordo com ele, os seres humanos, apesar de possuírem um enorme potencial de aprendizado, não nascem com as mesmas condições ambientais para que o aprendizado ocorra corretamente, pois em sociedade homogêneas, a motivação para um aprendizado perdurar não ocorre da mesma maneira para todos os sujeitos (BANDURA, 2008).

O potencial de comportamento refere-se à probabilidade da ocorrência de determinado comportamento em relação a outros comportamentos alternativos. O comportamento abrange quer ações manifestas, como escrever, quer outros atos ocultos, como pensar e planificar, que podem manifestar-se comportamentalmente. A expectativa é a crença subjetiva na probabilidade de que determinado reforço ocorrerá como consequência de determinado comportamento. O valor de reforço é o valor atribuído a determinado resultado em relação a outros resultados potenciais. A situação psicológica diz respeito ao contexto do comportamento. Assim, em determinado contexto, um resultado aversivo pode ser valorado como menos aversivo que outros (AZEVEDO, 1997, p. 02).

Compreender que em famílias com contextos diferentes, crenças e comportamentos distintos se caracterizarão e tornarão o aprendizado dificultoso, como por exemplo em famílias onde, através de gerações se perduram comportamentos abusivos por parte do marido para com a mulher e filhas, bem como o incentivo a práticas sexistas dos filhos, e se torna comum que boa parte das gerações femininas nelas inclusas fiquem à mercê de comportamentos submissos à homens, abrindo espaço para relacionamentos abusivos e desastrosos, como destacado na citação:

Atualmente temos nos dados conta do quanto é importante o debate mais aprofundado sobre violências em suas diversas tipificações e naturezas. Embora seja um fenômeno antigo na história humana, estudos sobre as violências tiveram seu auge na década de 1990 [...] quando falamos das relações abusivas não podemos negar que elas comportam violências principalmente de natureza física, sexual e psicológica. O abuso mantém a relação de poder do abusador sobre o abusado, que é tido como o seu objeto (BARRETTO, 2018, p. 142-143).

Stival (2014), analisa que mulheres que passam por relacionamentos abusivos, em geral, acabam por permanecerem nesses relacionamentos, aceitando abusos, humilhações e violência. Mesmo em casos em que ocorrem denúncias, muitas vezes a própria vítima retira a queixa e permanece no relacionamento. Um ato que por si só, já demonstra o quanto o ambiente influenciou na aprendizagem e modelou o padrão de comportamentos a serem tomados como normais, com base nos estados mentais internos já moldados dentro do ciclo abusivo (BARRETTO, 2018).

Ainda na teoria de Bandura, é possível observar que um comportamento só pode ser aprendido se chamar atenção e for de interesse do sujeito. No cotidiano, todos presenciam diversas situações que poderiam se tornar aprendizado, no entanto, como nem todas chamam atenção ou proporcionam algum interesse frente aos estados mentais já estabelecidos do aprendiz, deixa de passar pelo processo de aprendizado (BANDURA, 2008).

Barretto (2018), complementa que tais circunstâncias também influenciam no comportamento social de mulheres vítimas de relacionamentos abusivos, uma vez que acabam convivendo com a situação e tornam-se psicologicamente dependentes, em que iniciativas de terceiros no combate ao ciclo de abuso acabem por não ter muitos resultados.

Bandura também deixa claro que para o aprendizado ocorrer, a motivação para aprender novos conceitos é essencial e necessita de um ambiente que favoreça tal motivação (FREITAS, 2010). Um ambiente abusivo, em geral é persuasivo e tem constantes manipulações e condicionamentos, para que a vítima permaneça dependente de várias situações que a mantenham nesse ciclo (STIVAL; FORTUNATO, 2014).

2.2 Habilidades Sociais

Habilidades Sociais (HS), são entendidas como comportamentos sociais diversos, que aplicados correspondem a determinadas tarefas (GRESHAM, 2009). O termo teórico/prático de habilidades sociais, surgiu em 1967, na Inglaterra com o estudo sobre ergonomia de Argyle, que propunha a interação do homem/máquina e o homem/humano, ressaltando as semelhanças entre as duas interações. O objetivo desse campo de estudo é conseguir avaliar, promover e definir o que são habilidades e demais competências sociais (FALCONE, 2001). Del Prette e

Del Prette (2017) afirmam que nas origens das HS se destacam o conhecimento sobre as abordagens cognitiva, comportamental e sociocognitiva.

De acordo com Del Prette e De Prette (2001), os estudos acerca de habilidades sociais buscam compreender qual associação entre um conjunto de comportamentos deficitários e saudáveis tem entre si, bem como diferenciar as etapas de evolução e possibilidades de aplicar as habilidades sociais ao longo do desenvolvimento humano.

De uma forma geral, as habilidades sociais são comportamentos que podem ser aprendidos e aceitos socialmente, que possibilitam a intervenção do indivíduo ao meio. De acordo com Bandeira, Del Prette e Del Prette (2006, p. 188):

[...] o desenvolvimento das habilidades sociais permite a melhoria na qualidade de vida e no desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos, contribuindo para uma conduta bem-sucedida na vida cotidiana. Indivíduos que são socialmente competentes e integrados são provavelmente mais capazes de suportar o estresse da vida e evitar situações negativas (BANDEIRA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006, p. 188).

Del Prette e De Prette (2017), ainda conceituam que as Habilidades sociais são um conjunto de comportamentos sociais com características específicas, com duas ramificações: comportamentos sociais desejáveis e os indesejáveis. Os comportamentos desejáveis caracterizam as habilidades sociais e competências sociais, já nos comportamentos sociais indesejáveis, há dois conceitos a serem tratados, ativos e passivos. Ativos são comportamentos como agredir, coagir, desrespeito, manipular, enganar; e os passivos englobam isolar-se, submeter-se, enganar-se, autodepreciação e coagir, tais comportamentos resultam em problemas e transtornos psicológicos. Os comportamentos passivos são frequentemente encontrados em vítimas de relacionamento abusivo, que preferem submeter-se a situação a agir ativamente.

Para chegar no que as habilidades sociais representam atualmente, de acordo com Del Prette e Del Prette (1999), foi preciso longo e diversos estudos acerca desse assunto. Salter (1949) em uma tentativa de achar novas técnicas para aumentar a expressividade das HS, retomou os estudos de Pavlov sobre condicionamento. Wolpe (1958), buscou formas de avaliar os comportamentos envolvidos quando há sentimentos negativos e até mesmo a luta para defender os direitos pessoais, o que ele mesmo determinou como comportamento assertivo. Lazarus (1971) também contribuiu para HS, quando trabalhou com Wolpe, criticou o que ele definia sobre sentimentos negativos, incluiu a expressão de sentimentos positivos e denominou efetividade pessoal, e mais tarde Liberman e cols (1975) através de estudos denominaram como competências pessoais.

A partir do desenvolvimento das HS, muitas intervenções e pesquisa foram adotadas, na tentativa de melhorar os conceitos e propostas de forma a complementar o entendimento sobre habilidades sociais. Esse campo contou com várias influências e atribuições de diversas teorias psicológicas, como por exemplo a Terapia cognitivo comportamental (TCC), psicologia social-cognitiva de Bandura e análise comportamental (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

O termo HS traz diversificadas matrizes, possibilitando a criação de novas avaliações e intervenção dentro das habilidades sociais. Com essa vasta diversidade é possível analisar dois tópicos-chaves: as classes de habilidades sociais e competências sociais. Vários autores empregam diferentes significados a esses dois termos, um exemplo clássico é Caballo (1996), para ele os termos seriam sinônimos, já para outros pesquisadores, com Del Prette e Del Prette (2011) os termos são diferentes entre si, porém teriam alguma.

Por ser um tema em construção e consolidação, o campo das habilidades sociais apresenta diversas e constantes atualizações. No Brasil, os primeiros a estudarem o tema foram Zilda Aparecida Pereira Del Prette e Almir Del Prette, eles fizeram várias alterações e aperfeiçoamento do tema, de modo a ficar mais amplo e compreensível (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

A concepção comportamental das habilidades sociais apresentou dois níveis de análise, destacadas por Caballo (2003) em categorias molares, que de modo geral são a defesa dos direitos pessoais e as habilidades heterossociais caracterizadas pelo indivíduo conseguir atuar socialmente com eficácia. Cada uma dessas habilidades depende da forma e do nível de resposta de cada pessoa.

O desenvolvimento das habilidades sociais ocorre primeiramente na família, escola e entre amigos. O primeiro grupo social que o indivíduo pertence é a sua família e os pais geralmente oferecem modelos de comportamento aprendido com os seus pais e modelam os filhos com os mesmos comportamentos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

2.2.1 Classes de Habilidade Sociais

Lazarus (1973, *apud* CABALLO, 1996), foi um dos primeiros a estabelecer uma proposta clínica a respeito das respostas e dimensões comportamentais das classes de HS. Inicialmente eram quatro: a capacidade de dizer “não”; a capacidade de pedir favores e fazer pedidos; a capacidade de expressar sentimentos positivos e negativos e; a capacidade de iniciar, manter e terminar conversações.

Sob outra óptica, Caballo (1996), apresentou as HS como a expressão de opiniões, atitudes, pensamentos, sentimentos, desejos e respeito por si próprio. De modo geral, seria como

o indivíduo utiliza dessas características para resolver de modo imediato situações e minimizar problemáticas futuras.

Del Prette e Del Pette (2001) classificaram habilidades sociais em HS de empatia, HS de trabalho, HS de sentimento positivo e HS de comunicação.

Já Portella (2010) classificou habilidades sociais como: HS de sensibilidade, percepção e comunicação não verbal, HS de assertividade, HS de auto apresentação positiva, HS comunicação verbal e HS capacidade empática.

Sobre a HS, alguns autores desenvolveram estudos em habilidades específicas, a exemplo de Falcone (1999), que focou na habilidade de empatia, Kestenberg (2010) intensificou suas pesquisas na habilidade de manejo e resolução de conflitos, porém as mais comentadas na atualidade são as habilidades de assertividade, empatia, comunicação e falar em público (BOLSONI-SILVA *et al.*, 2009).

Caballo (2003) revisou aproximadamente 90 trabalhos (entre os anos de 1970 e 1986), que trazem informações importantes sobre os componentes comportamentais para sua pesquisa acerca das HS. Entre eles estão: comunicação verbal e não-verbal, componentes paralinguísticos e os mais recentes, como assertividade, pensamento positivo, liderança, habilidades no trabalho, entre outros.

2.2.1.1 Comunicação

Uma das habilidades sociais que Caballo (2003), apresenta é a comunicação, essa conduta pode ser de forma verbal ou não-verbal, ambas entendidas como a forma com que os indivíduos interagem por meio da fala ou gestos/atitudes corpóreas.

Na comunicação verbal o indivíduo consegue expressar em forma de fala o que está pensando, sentindo e quais suas intenções e propósitos, já na comunicação não verbal o indivíduo pode ser incapaz de proferir palavras, porém através de gestos corporais consegue se comunicar com os outros. As pessoas em geral observam mais a forma não-verbal de se comunicar o que as palavras em si, em outras palavras, a leitura corporal é de extrema importância nas habilidades sociais, “[...] pessoas formam impressões dos demais a partir de sua conduta não-verbal, sem saber identificar o que é agradável ou irritante na pessoa, salvo que a conduta seja facilmente identificável” (CABALLO, 2003, p. 24).

Os sinais não-verbais são mais coerentes do que uma mensagem expressa através de palavras, uma mensagem corpórea bem aplicada significa mais do que várias palavras bem empregadas, assim, as “palavras não-verbais” tem grande função, quando se substitui uma palavra por um gesto entende-se a mesma coisa, um exemplo clássico é uma mãe substituir uma

repreensão falada ao filho por um olhar agressivo, subentende-se que tal atitude é errada (CABALLO, 2003).

Caballo (2003), ainda cita a classificação que uma conduta hábil e socialmente aceita deve conter, que inclui uma conversação duradoura e fluente, contato visual, olhares, gestos com as mãos e tonalidade da voz.

Dentre as características das expressões de comunicações não verbais, Caballo (2003), abre parênteses do que são e como são representadas, destacando-se: olhar/contato visual, dilatação pupilar, expressões faciais, sorrisos, postura e orientação corporal, gestos, movimentos com a cabeça, contato físico, distância, auto manipulações e aparência corporal. Todas essas expressões apresentadas referem-se a comunicar-se de maneira não verbal, com cada expressão é possível notar comportamentos diferentes e espontâneos.

2.2.1.2 Assertividade

A assertividade envolve uma forma adequada de expressar apropriadamente os sentimentos negativos e a capacidade de se defender e de defender seus direitos pessoais. Tais capacidades são encontradas em pessoas com a habilidade social de assertividade desenvolvida (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

Desta maneira a assertividade é definida como a maneira que o emissor expressa seus pensamentos e sentimentos, de forma sucinta, seria a forma correta que indivíduo encontra de expressar-se e defender seus próprios direitos, com o intuito de ser entendido e atingir seus objetivos sem expressar sentimentos negativos a outra pessoa (CABALLO, 2003). A não assertividade também é verdadeira, quando um indivíduo se comporta contra sua vontade e não se defende por medo da rejeição, deixando de lutar por seus direitos (CABALLO, 1996).

Segundo Caballo (2003), é uma capacidade que pode ser aprendida, de falar sem causar ameaças ou humilhar alguém, um exemplo simples é, “eu acho isso” e “acho aquilo”, podendo expressar seus direitos sem medo. O objetivo da assertividade é se comunicar e ser compreendido, ter e conseguir respeito, considerar responsabilidade, direito e consequências.

Um comportamento assertivo em condições normais entre as partes será bem recebido e terá o *feedback* apropriado. Em condições adversas podem não surtir o mesmo efeito, em geral indivíduos que comportam de forma assertiva defendem bem suas relações interpessoais e têm confiança em si mesmos (CABALLO, 2003).

De acordo com Caballo (2008), o comportamento não-assertivo também é uma realidade, que implica na violação de direitos e a não capacidade de expressar opiniões, sentimentos e pensamentos, ou expressar sentimentos não verdadeiros, auto derrotistas, pedidos

de desculpas, falta de autoconfiança, assim, a mensagem se comunica como “eu não posso”, “não dou conta”, “me desculpa”, “podem aproveitar de mim como quiserem”, “não sou ninguém”. O que ocorre com as mulheres vítimas de relacionamento abusivo, é se depararem com uma habilidade social assertiva não aprendida e pela falta dela, aceitarem o que lhe é proposto sem questionar ou expressar suas vontades, sentimentos ou direitos, o que as torna não assertivas.

As chances de uma pessoa que se porta de maneira não assertiva de ter suas necessidades e opiniões entendidas são substancialmente reduzidas pela falta de comunicação ou comunicação incompleta. A falta da assertividade e capacidade de comunicação clara transforma a pessoa em incompreendida, manipulada e não é levada a sério. Isso pode conduzir sentimentos de baixa autoestima, ansiedade, culpa, tristeza, falta de confiança em si mesmo e depressão, além dos sintomas psicossomáticos (dor de cabeça, dor na garganta, úlceras) e sentimentos reprimidos (CABALLO, 2003).

2.2.1.3 Capacidade empática

As habilidades assertivas e empáticas andam lado a lado se complementando, mas se diferenciam pelo fato de que pessoas assertivas visam ganhos e as empáticas se colocam no lugar dos outros. Empatia é a capacidade de sentir no lugar do outro, reviver as vivências emocionais da outra pessoa. “A disposição para abrir mão, por alguns instantes, dos próprios interesses, sentimentos e perspectivas e se dedicar a ouvir e compreender, sem julgar o que a outra pessoa sente, pensa e deseja, constitui o que é conhecido como empatia” (FALCONE, 2001, p. 04).

Para desenvolver empatia faz-se necessário uma constante sensibilidade ao outro, a suas vivências, ao significado que ela percebe em momentos da vida, na visão de Portella (2010) seria viver a vida do outro temporariamente e absorver suas demandas.

2.2.1.4 Auto apresentação positiva

A auto apresentação positiva também se refere a uma habilidade social que abrange a capacidade de se apresentar de maneira harmoniosa em diversas situações sociais, também pode ser conhecida como a maneira em que o indivíduo escolhe para se portar perante a sociedade e ser aceito (PORTELLA, 2011).

Essa habilidade social tem muito a ver com a aparência, sendo a primeira coisa que as pessoas veem, examinam e avaliam nos outros. De maneira geral, a auto apresentação positiva é construída através de traços inatos e opcionais, que vai desde a escolha de um sapato até a

vaidade em si, e tem grande valia social, pois através da aparência somos julgados e aceitos socialmente em diferentes grupos e comunica-se características pessoais. As pessoas desenvolvem habilidades de auto apresentação como estratégia de passar uma imagem positiva de si próprio (PORTELLA, 2010).

2.2.1.5 Capacidade reforçadora

A capacidade reforçadora é a habilidade de fornecer e receber *feedback*, seja positivo ou negativo. O *feedback* permite que as pessoas se comuniquem e ajustem seus comportamentos de forma mais assertiva e regulada. Autores como Del Prette e Del Prette (2001), classificam o *feedback* positivo mais eficaz, pois evita confusões, ressentimentos e reações defensivas, amplia o autoconhecimento e motiva a investir no aperfeiçoamento pessoal e desempenho das qualidades.

Feedback positivo é uma forma de elogio e demonstra preocupação da parte receptora com o esforço da parte ouvinte. Além de fortalecer os vínculos interpessoais (CABALLO, 2008).

2.2.1.6 Civilidade

Outra classe de habilidade social definida por Del Prette e Del Prette (2017), é a civilidade. O indivíduo que tem a característica de gerar gentilezas, tendo o hábito de cumprimentar as pessoas, agradecer, desculpar-se e despedir-se. Geralmente essa habilidade é aprendida muito cedo, dentro de casa com os pais, a civilidade possui função de ajustar-se às normas de polidez.

Essa habilidade possui universalidade, já que tais características são observadas ao redor do mundo e até em certos animais. Del Prette e Del Prette (2009, p. 137), afirmam que a civilidade “refere-se, portanto, a desempenhos padronizados, próprios dos encontros sociais breves e ocasionais, que as transações entre pessoas ocorrem com pouca ou quase nenhuma mobilização emocional, principalmente no contexto de cotidianidade”.

2.2.2 Competência social

Competências sociais e habilidades sociais são da mesma família, porém, se diferenciam no contexto que são aplicadas. Os dois termos ora são tidos como irreduzíveis um ao outro, ora se assemelham e se completam (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

O autor, McFall (1982), teve como base de seus estudos a diferenciação das Habilidades Sociais e as Competências Sociais, argumentando favoravelmente sobre o assunto e abrindo o campo outros pesquisadores se interessassem pelo assunto.

Para Mello (2003), competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação. O autor afirma ainda que a competência só pode ser construída na prática. Não só o saber, mas o saber fazer. Aprende-se, em uma situação que precise fazer o que é determinado.

O termo competência social tem sido tema de estudo na psicologia e na educação. Dias (2010) elucida como forma de interpretar e explicar o conceito a definição de que competências são as formas de o sujeito enfrentar adequadamente um conjunto de situações em meio social, é ainda uma aptidão, conhecimento e habilidade de estar em sociedade.

Competência social ainda é para alguns autores como Lemos e Meneses (2002), traduzido como um construto interativo e multidimensional que tem papel fundamental no desenvolvimento humano, na adaptação e funcionamento do sujeito na sociedade.

Del Prette e Del Prette (2017), caracterizam competência social como construto avaliativo do desempenho do indivíduo, incluindo seus pensamentos, sentimentos e ações, ou seja, é todo desempenho e resultado deste desempenho.

Caballo (1996) e Moreira (2004), afirmam que a competência social envolve questões como o modo que o indivíduo se revela diante dos mais variados comportamentos, sentimentos, pensamentos, opiniões e a capacidade de sair de situações constrangedoras.

Para explicar o que é competência social, Del Prette e Del Prette (2017), também apresentam um esquema onde o indivíduo tem um comportamento social desejável, denominado de habilidade social, que inclui manifestar respeito, empatia, expressar opiniões, fazer, aceitar e rejeitar críticas, fazer amizades, falar em público, discordância e sentimentos positivos e negativos, que resultam na competência social.

2.2.3 Treinamento de habilidades sociais

O Treinamento de Habilidades Sociais (THS), consiste em realizar um treino com diferentes estratégias a fim de melhorar as competências sociais de uma pessoa. No campo teórico e prático das HS, permite que sejam aplicadas intervenções individuais ou em grupo, como forma a treinar os indivíduos a desenvolverem habilidades (SILVA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000).

Del Prette e Del Prette (2010), conceituam vários atributos quanto a THS, tal qual o treinamento é realizado através de uma estrutura, que é orientada por um terapeuta com objetivo

de melhor e ampliar o repertório de habilidade social e desenvolver as habilidades deficitárias e novas habilidades.

Segundo Gresham (2009), no que se refere ao treinamento das habilidades sociais geralmente é discutido os modelos teóricos cognitivo-comportamental, análise do comportamento e aprendizagem social. Intervir de acordo com essas áreas permite ao indivíduo treinar suas habilidades.

Caballo (2008), demonstra que um referencial cognitivo em resposta da sociabilização habilidosa é um resultado de vários comportamentos de avaliação, seleção, estímulos, entre outro. Construir um repertorio habilidoso diante da sociedade é um trabalho árduo e longo que se torna mais fácil através do treinamento de habilidades sociais.

Caballo (2003), apresenta em seu manual quatro importantes elementos para o desenvolvimento completo do THS, são eles: treinamento em habilidades, redução da ansiedade, reestruturação cognitiva e treinamento em solução de problemas.

No módulo de treinamento em habilidades, são ensinados comportamentos desejáveis, praticados e integrados ao comportamento do indivíduo. Outros fatores empregados são a modelagem, ensaio comportamental, instrução, retroalimentação e o reforço. A redução da ansiedade é realizada de forma indireta apresentando um novo comportamento, porém, se a ansiedade for elevada pode ser empregada técnicas como relaxamento para reduzi-la. A reestruturação cognitiva, é uma tentativa de modificar crenças, valores, atitudes ou cognições do indivíduo, geralmente acontece de forma indireta, quando o indivíduo adquire novos comportamentos e os modifica. Por fim, o treinamento em solução de problemas ensina o indivíduo a identificar e perceber corretamente os valores e parâmetros para resolver dificuldades (CABALLO, 2003).

2.2.3.1 Formato do treinamento de habilidades sociais

Para Caballo (2003), o treinamento das habilidades sociais se dá por etapas, com a ajuda do paciente até encontrar as áreas específicas de dificuldades. Definir qual problema deve ser tratado é muito importante para ir direto ao ponto. A começar pela redução da ansiedade, com os níveis de ansiedade baixos e o paciente mais relaxado é mais provável ter sucesso na aplicação do treinamento.

Na segunda etapa, o paciente precisa entender as diferenças entre a assertividade, agressividade e a não assertividade, método que aumenta a motivação. A assertividade implica no indivíduo expressar seus sentimentos de forma direta, a não assertividade na violação dos próprios direitos, não sendo capaz de expressá-los, além de permitir que outras pessoas o violem

também, já no comportamento agressivo, o indivíduo até defende seus direitos com veemência, porém de maneira errônea, com insultos, braveza, de maneira inapropriada e de alguma forma viola o direito do próximo, podendo agredi-lo diretamente com empurrões, ameaças, comentários hostis, ou de forma indireta com gestos, olhares e ataques. Nessa altura do treinamento, o indivíduo deve entender que manter uma postura assertiva é mais agradável (CABALLO, 2003).

Na terceira etapa, Caballo (2003), aborda a reestruturação cognitiva dos “modos incorretos” que o indivíduo pensa, sente e tem suas crenças, o objetivo é, através de técnicas fazer o paciente pensar o que está incorreto e reestruturá-los. Para auxiliar nessa etapa utilizam-se diversos exercícios para facilitar o processo de descoberta da relação entre sentimentos, comportamentos e cognição. Procedimentos como autoanálise racional, treinamento em autoinstrução, imagem racional-emotivas podem ser utilizados.

A quarta etapa é considerada mais relevante e importante para o autor, constituída pelo ensaio comportamental das respostas socialmente adequadas em situações determinadas, todas as etapas anteriormente citadas abordam uma construção de como deve ser feito o treinamento, incluindo o uso do relaxamento em pacientes com níveis elevados de ansiedade e nervosismo, a descoberta e diferenciação do indivíduo quanto as classes assertivas, não assertivas e agressivas e a reestruturação cognitiva de fatores incorretos, abre caminho para aplicar o ensaio comportamental. Os procedimentos empregados na quarta etapa são: ensaio comportamental, modelação, instrução, retroalimentação/reforço e as tarefas de casa (CABALLO, 2003).

O ensaio comportamental, segundo Caballo (2003), é o procedimento mais usado no THS, através do emprego de tal procedimento é possível apresentar maneiras efetivas e apropriadas de enfrentar problemas cotidianos que causam danos ao paciente. O objetivo do ensaio comportamental é aprender a modificar padrões não adaptativos de resposta e substituir por novas respostas adaptativas. Diferente de outras técnicas utilizadas em forma de representações, como o psicodrama, o ensaio de comportamento visa a mudança do comportamento em si mesmo, e não como uma técnica de identificar e expressar conflitos internos.

Também conhecida como *role-playing*, a técnica de ensaio comportamental consiste em que o paciente deve descrever cenas curtas que simulem seu problema atual, como forma de emoldurar a cena perguntas como quem, quando, como, que devem ser feitas, uma vez que a cena está acontecendo e dever de o “treinamento” assegurar a continuidade. É importante ter em mente trabalhar um problema real por vez. Esse procedimento apresenta ao paciente uma

maneira efetiva e apropriada de enfrentar situações cotidianas (SOUZA; ORTI; BOLSONI-SILVA, 2012).

Sobre a modelação, Caballo (2003), explica que é realizada pelo terapeuta com um ou mais membros do grupo. A aplicação desse método consiste em expor o paciente a um modelo de comportamento correto com objetivo de aprender de forma observacional a atuação de novos comportamentos. Grupos do mesmo sexo e idade tendem a ser mais efetivos. O treino com a modelação é mais apropriado quando: o paciente mostra comportamento inapropriados sendo mais fácil apontar o correto e; quando o paciente não responde em absoluto.

O procedimento de instrução/ensino no treinamento de habilidades sociais procura fornecer aos indivíduos informações claras sobre a natureza do comportamento apropriado. Inclui informações específicas sobre a resposta apropriada, como gestos, contato visual e aparência. Serve para determinar a finalidade de cada sessão de terapia. Começar com uma breve instrução ao paciente, assegura que ele entenda as expectativas para aquela sessão, assim pode estar aberto e disposto a atendê-la. A instrução não se objetiva apenas para que o paciente aprenda informações específicas para emitir respostas apropriadas, mas também para que ele tenha uma base do que o espera na terapia (CABALLO, 2003).

Sobre a retroalimentação e reforço, o autor supracitado indica que há dois pontos nesse elemento, o primeiro é o reforço ao longo das sessões, que serve para aquisição de novos comportamentos adaptativos no paciente, recompensando cada comportamento desejado com a manutenção de ganhos, através de elogios. O segundo ponto é a auto recompensa dos pacientes, que podem falar algo agradável a si mesmos. A retroalimentação é a informação necessária e essencial para o desenvolvimento e a melhoria das habilidades, proporciona benefícios ao paciente quando aplicada de maneira correta, como a oportunidade de praticar a fala, falando diretamente com outros membros do grupo, aumentando a possibilidade de aprender de forma observacional.

Segundo Beck (2013), o sucesso da terapia na abordagem teórica cognitivo comportamental depende diretamente com as atividades externas que o paciente deve realizar em casa, após aos encontros. Trata-se de uma forma de fazer o paciente dar sequência ao que foi aprendido na sessão e colocar em prática o material ensaiado em grupo. Na tarefa de casa, o paciente pode registrar pautas importantes como níveis de ansiedade, situações cotidianas que tenha atuado de maneira hábil, entre outros. A cada tarefa apresentada é necessário um *feedback* ao paciente e cabe ao terapeuta um olhar clínico as demandas que aparecem durante a realização das tarefas (CABALLO, 2003).

Shelton e Levy (1981, *apud* CABALLO, 2003), indicam uma série de benefícios ao empregar a prática de tarefa de casa, tais como: a) acesso a comportamentos privados, a maneira com que o paciente se comporta perante o terapeuta, pode não ser a mesma que se comporta quando está sozinho, a ausência do terapeuta faz com que comportamento naturais dos pacientes apareçam; b) eficácia do tratamento, os padrões de comportamentos só se tornam padrões quando há várias repetições em lugares conhecidos diferentes, a terapia se limita a um tempo determinado que não será finalizado o atendimento, com isso o paciente leva o que foi tratado na sessão para sua semana e para o próximo encontro; c) um maior controle, fazer os pacientes pensarem na terapia fora do consultório, pode ajudá-los a ver a si mesmos como protagonistas da sua mudança e motivá-los a agir de forma correta e constante em benefício de seus próprios interesses; d) procedimentos cognitivos, de maneira prática, esses procedimentos cognitivos são encontrados ao logo do treinamento, como a congestão das adaptativa, redução de verbalização negativa e construção da verbalização positiva, crenças pessoais.

Para Del Prette e Del Prette (2010):

Um conjunto de atividades planejadas que estruturam processo de aprendizagem, mediados e conduzidos por um terapeuta ou coordenador, visando a: ampliar a frequência e ou melhorar a proficiência de habilidades sociais aprendidas, mas deficitárias; ensinar habilidades sociais novas significativas; diminuir ou extinguir comportamentos concorrentes com tais habilidades (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010, p. 128).

Ambos os autores abordam sobre o treinamento de habilidades sociais e levantam questões parecidas quanto ao que é treinar habilidade, que se constituem através de intervenções, técnicas e programas em que são possíveis adequar os indivíduos as habilidades e competências sociais.

2.3 Relacionamento abusivo

O relacionamento abusivo caracteriza-se como “qualquer ato de violência baseada na diferença de gênero, que resulte em sofrimento e danos físicos, sexuais e psicológicos da mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade, seja na vida pública ou privada” (SOARES, 2005, p. 14).

Minayo (2006), explica que para entender sobre o relacionamento abusivo é preciso compreender que ele pode acontecer em várias áreas, tais como psicológica ou emocional, física, sexual, financeira, tecnológica e verbal. Apesar desse abuso estar presente em vários lugares, ainda não é tão comentado como deveria ser, pois toda violência representa um risco para a vida humana.

Arendt (1985) referia-se em abuso em relacionamentos conjugais, abordando o conceito de qualquer tipo de intimidade no presente momento ou em um passado, seja entre casados, namorados, divorciado, ex-namorados, não se pode negar que as principais formas de violência são as de natureza psicológica, verbal e física. Essa violência ocorre como uma tentativa de poder sobre o outro, mostrar poder, controle e comando através da violência com o intuito de alcançar determinado objetivo.

A violência contra a mulher foi consolidada historicamente pelo patriarcado cultural, onde homens detém a dominação e o poder e mulheres devem a submissão aos seus companheiros. O termo violência significa usar a força física, intimando alguém, usando dessa força para destruí ou exercer força, conseguir o que quer através de uma ação destruidora. Usar da violência, psicológica ou física, para conseguir o que se quer é impedir que o outro manifeste suas vontades e desejos, o que caracteriza violação dos direitos humanos (TELES; MELO 2003).

Saffioti (2001, p. 121), ressalta sobre o poder que homem tem diante da sociedade para controlar as mulheres:

Neste sentido, os homens estão, permanentemente, autorizados a realizar seu projeto de dominação-exploração das mulheres, mesmo que, para isto, precisem utilizar-se de sua força física. Pode-se considerar este fato como uma contradição entre a permissão para a prática privada da justiça e a consideração de qualquer tipo de violência como crime (SAFFIOTI, 2001, p. 121).

Na violência contra mulher ou violência doméstica, o companheiro usa de diversas facetas para agredir, ferir psicologicamente, humilhar, constranger, manter relações sexuais a força ou com chantagens, proibições, controle, poder, entre outros, o que pode acarretar diversos problemas para essa vítima (TELES; MELO, 2003).

A Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 determina que são violência doméstica contra a mulher:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: I violência física: entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause danos emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, intimidação, ridicularização, direito de ir e vir, qualquer ato que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006, art. 7).

2.3.1 Violência psicológica

A violência psicológica compromete todo sistema psíquico da mulher, implicando na desvalorização da sua autoimagem, habilidades sociais, comprometendo suas crenças centrais e habilitando as crenças de desvalor, autodepreciação, além de intervir nos processos de desenvolvimento de saúde mental e psicológica da mulher, e desenvolver doenças psicossomáticas variadas (MONTEIRO; SOUZA, 2007).

Ferreira (2010), afirma que toda violência psicológica contra a mulher provoca prejuízos, muitas vezes irreversíveis à psique, e permanecer nesse contexto de vítima pode acarretar diariamente sentimentos de raiva, desespero, vergonha, culpa, pânico, impotência, falta de importância e valor na visão dos outros membros da sociedade, medo, angústia e em decorrência a todos esses sentimentos a vítima tende a se isolar social e emocionalmente.

Conforme apresentado por Marques (2005), usualmente é mais fácil uma mulher denunciar uma agressão de cunho físico, do que uma agressão de cunho psicológico/patriarcal ou sexual. Quando a agressão psicológica acontece, ela esgota com as forças da vítima na tomada de decisão.

Miller (2002) reflete que geralmente a violência contra mulher começa de forma mais sutil, em raros casos inicia-se com a agressão física, primeiramente o agressor irá coagir a vítima, desta forma tolera as agressões. Quando uma mulher tem seu estado psicológico afetado se torna mais propensa a suportar qualquer outro tipo de agressão. Para Miller (2002, p. 16), o agressor, antes de “poder ferir fisicamente sua companheira, precisa baixar a autoestima de tal forma que ela tolere as agressões”.

2.3.2 Violência Física

Casique (2004), salienta que a violência física é a mais fácil de identificar, pois na maioria das vezes marcas são encontradas no corpo da vítima. A violência física é entendida como todo e qualquer ato de violência contra a mulher, independentemente de sua raça, idade ou qualquer circunstância, podendo ser realizadas com socos, empurrões, machucados, puxões de cabelo e qualquer forma de violência contra mulheres, caracterizado pela violência.

Ramirez (2001) aponta que a violência é um padrão de comportamento que causa dor, lesão ou dano físico intencionalmente. A violência física contra mulher, se dá primordialmente pela sociedade ainda aderir ao padrão machista e cultura patriarcal, em que a maioria dos casos acontecem em lares desfavorecido financeiramente (SILVA, 2003).

2.3.3 Violência Sexual

A violência sexual contra mulher consiste em qualquer ato sexual sem consentimento da vítima, seja ela casada com o agressor ou não, quando a vítima não quer ter quaisquer tipos de relação íntima com a outra pessoa, sendo este um modo agressivo, hostil e violento de conseguir dominar a vítima para consumir o ato sexual (BRASIL, 2001).

No que diz respeito a violência sexual entre homem e mulher em uma relação íntima, levanta-se a questão dos deveres conjugais, com a concepção de que se deve fazer sexo independentemente se há ou não consentimento ou vontade de uma das partes, suscitando a violência. Esse tipo de violência é pouco abordado quando se está em um casamento, por se ter o pensamento comum de deveres conjugais, como destacado por Dias (2007, p. 49), “a tendência sempre foi identificar o exercício da sexualidade como um dos deveres do casamento, a legitimar a insistência do homem, como se estivesse ele a exercer um direito”.

Essa violência de cunho sexual ocorre também quando o parceiro proíbe a mulher de usar métodos anticoncepcionais, como a camisinha, diu ou pílula. A lei nº 11.340, art. 7, expõe que esse tipo de violência se caracteriza como qualquer conduta que “impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos”.

2.3.4 Violência Patriarcal

Entende-se como violência patriarcal a conduta do parceiro de reter ou destruir objetos, documentos, bens, valores, recursos econômicos, entre outros, inclui o ato de subtrair objetos da vítima. Ele é verdade para o crime de apropriação indébita e risco de extinção. Trata-se de violência hereditária “apropriada” e “destrutiva”, igual aos verbos usados pelo Direito Penal para constituir tais crimes. No âmbito familiar, os crimes contra as mulheres não desapareceram e não há representação (DIAS, 2007).

2.3.5 Violência moral

Na lei, a violência moral caracteriza-se como ato de calúnia, injúria ou difamação (BRASIL, 2006, art. 7). A violência moral, segundo Demolinari (2017), é menos discutida e com menor visibilidade, pois a vítima só percebe que está vivenciando após já estarem em estágio avançado, geralmente se descobre a violência quando o agredido apresenta alguma doença como a depressão ou dependência química, muitas vezes até tentativas de suicídio.

Em complemento, esse tipo de violência destrói o que a mulher pensa dela mesmo e das pessoas. A violência moral gera um grau de exaustão tão grande na vítima que a paralisa para as demais tarefas (DEMOLINARI, 2017).

2.3.6 Características de relacionamento abusivo

Qualquer ameaça ou ação que resulte em danos contra a moral, vida, finanças ou qualquer sofrimento à mulher é considerado violência. Quanto às características da relação abusiva, alguns agressores têm as mesmas características que outros e alguns por sua vez agem de formas distintas. A violência contra a mulher atinge várias áreas, com isso, as vítimas têm seus direitos violados, e quem os viola utiliza falas e características comuns como controle, invasão e machismo (SANTIAGO; COELHO, 2011).

2.3.6.1 Controle

Uma das principais e mais marcantes características é o controle do agressor sobre a vítima, além de culpar a mulher, tornando-a completamente indefesa perante ele (PEREIRA; CAMARGO; AOYAMA, 2018).

Segundo Garcia-Moreno *et al.* (2005), os maiores índices de violência contra mulher são observados em homens que apresentam grande indícios de personalidade controladora. Atitudes controladoras são atos de dominar os lugares em que a mulher vai e com quem ela deve se relacionar, controlar suas economias, movimentos e atividades, controlar e monitorar telefone, ciúmes excessivos, entre outros.

Ao combinar uma personalidade controladora e possessiva com uma sociedade machista, tem-se um relacionamento que deixa de ser sadio, ultrapassando os níveis saudáveis de relacionamento para uma violência de gênero. O excesso de controle e poder alcança um sentimento de posse e objetificação da mulher (BARRETTO, 2015).

Para Johnson (1997), as tradições patriarcais dão o direito ao homem a subordinar e controlar o que suas esposas devem e podem fazer, ter esse tipo de atitude dentro de um casamento é apenas tido como um sistema aprendido e passado de geração em geração.

2.3.6.2 Invasão

Outra característica no relacionamento abusivo é definida como padrão indesejado de condutas ou comportamentos de invasão sobre outra pessoa, com ameaça implícita ou explícita evidenciada pelo comportamento de perseguição proposital, maliciosa e repetitiva, que causa medo em relação à segurança da vítima e de sua família (DIETZ; MARTIN, 2007).

O ato de invadir a privacidade da mulher, gera sentimentos de violação do direito de “ser pessoa”, essa invasão reprime a vítima e a deixa em uma situação de ameaça que em hipótese alguma pode pedir socorro, pois o agressor vasculha sua vida pessoal, além da culpabilidade por não ter sido capaz de resistir suficientemente (GOMES; MINAYO; SILVA, 2005).

2.3.6.3 Machismo

Autoras como Saffioti (2015), Federici (2019) e Beauvoir (2016), afirmam que a primeira experiência de machismo ocorre na própria família e que dentro do seio familiar aprende-se pouco a pouco que a autoridade do pai é soberana e sem questionamentos, todos da casa devem obedecê-la. Toda essa cultura machista e patriarcal confirma à menina a hierarquia presente na sociedade. A cultura, história e lendas exaltam a superioridade masculina todos os dias.

A visão arraigada do patriarcalismo, onde o homem tem lugar de ação, chefia, decisão, autoridade, indica que o homem enquanto pai deve apenas suprir seu filho com o material sem fornecer carinho ou atenção, já ao gênero feminino cabe a responsabilidade de afagar, dar amor, ensinar a criança como deve se comportar e educá-la (SILVA, 2012). Nesse contexto afirma-se há prevalência histórica masculina, com a dominação atribuída ao homem e o papel passivo atribuído a mulher.

Nesse sentido:

Historicamente, o homem sempre foi considerado o detentor único do poder, e as mulheres sempre se viram excluídas dele, isso condicionou o modo de pensar de ambos, desde o berço: é assim, porque sempre foi assim! Essa representação social, partilhada por todos, ainda mantém os estereótipos, apesar da evolução dos costumes (HIRIGOYEN, 2006, p. 75).

No tocante a essa questão, o homem pode tomar a mulher como objeto de seus desejos e caso não correspondidos, usar da violência para consegui-los. Para Silva (2012), a construção do papel de “machão” deve ser desconstruída, a fim de evitar atitudes violentas contra as mulheres.

Segundo Miller (1999), a sociedade sempre estabelece o homem agressor como grosseiro, valente, macho, com atitudes rudes e perfil único, porém tal afirmação não é verdadeira, apesar de a maioria apresentar atitudes e sentimentos parecidos, muitos são movidos apenas pelo momento vivenciado, e estresse, cansaço, álcool e drogas podem ser fatores que cooperem com a agressão.

2.3.7 Percurso do relacionamento abusivo

A violência contra a mulher, no tocante ao relacionamento amoroso, é uma discussão que há muito tempo vem sendo fomentada e ganha cada vez mais proporção, como observado nas novas atualizações dos últimos 10 anos desde a criação da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006).

Hirigoyen (2006), salienta que a violência contra mulher dentro de seus relacionamentos é marcada pela violência e atitudes gentis com vários juramentos de mudança, isso funciona como um círculo vicioso que tende a ser mais presente. Essa violência tende a acontecer não só uma vez, mas tornar-se comum.

Toda essa violência tem formato cíclico que se repete constantemente e evolui para quatro fases, onde em cada fase a vítima tem um aumento considerável de risco. Na primeira fase denominada período de aumento da pressão a agressão não é revelada claramente, mas se demonstra de maneira sutil por meio de agressões verbais, olhares, pressão psicológica e silêncio dos agressores. Hirigoyen (2006), apresenta essa situação mostrando que, com tudo que o agressor é capaz de fazer, a mulher sente-se culpada pelos atos errôneos do seu companheiro.

A segunda fase denomina-se ocorrência da agressão e a terceira, pedido de desculpas. Nessas fases, as agressões acontecem de fato com todo tipo de violência física, tapas, murros, empurrões, nesse estágio geralmente a vítima se sente acuada e sem reação, e logo após as agressões ocorrem os pedidos de desculpa, onde o agressor tenta através de palavras eliminar a culpa que carrega dessas atitudes. Geralmente esses agressores tentam explicar os possíveis motivos da agressão, além das promessas de mudança (HIRIGOYEN, 2006).

Na fase lua de mel, quarta e última, o agressor tenta se reconciliar com a vítima, nessa reconciliação ele mostra-se arrependido, disposto a jurar amor eterno, é gentil, apaixonado, confessa sua culpa e faz várias promessas de amor. Segundo Alves e Marques (2017), após todo o enredo de pressão, violência e lua de mel, todos os ciclos se repetirão com diminuição de intervalos e força maior, o que pode levar a vítima a danos irreversíveis ou até a morte prematura.

Após todo cenário de violências, muitas mulheres são gravemente afetadas psicologicamente, gerando sentimento de culpa, desmerecimentos, vergonha, também podem apresentar baixa autoestima, medo, ansiedade, depressão, transtorno de pânico, tentativas ou desejos de suicídio (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009).

Mesmo diante de evidências e vivências de agressão, algumas mulheres permanecem cegamente com seus companheiros, mesmo que o instinto de sobrevivência seja fugir do que causa dor (LIANE; ROVINSKI, 2004).

Um dos motivos para a permanência dessas mulheres em relacionamentos abusivos, segundo Tavares (2011), ocorre por muitas não terem qualificação profissional para entrar no mercado de trabalho, que dificulta a decisão de abandono da relação, outras, por sua vez abandonaram seus estudos e empregos para dedicação à casa e marido. Nesses casos, toda a renda da casa é provida pelo companheiro que por sua vez suborna a vítima.

2.4 Competências sociais de vítimas de relacionamento abusivo

Competências sociais, são conhecidas na psicologia, como o conjunto das capacidades de interação social do ser humano, são partes fundamentais da sobrevivência em sociedade. A habilidade de gerenciamento satisfatório de interações sociais, frequentemente é tido como tema central de pesquisas relacionadas a problemas comuns do cotidiano (GÓES, 2000; ROSA; BASSAN; PITANGA, 2019).

Dificuldades de relacionamento, problemas sociais relacionados a classes econômicas e diferenças étnicas são refletidos diretamente do nível de capacidade de interações sociais, bem como modificam os conceitos a respeito de uma população acerca de outra (TELES; MELO, 2003).

Góes (2000), afirma que um dos aspectos mais importantes no desenvolvimento infanto-juvenil sem prejuízos, é a capacidade de interagir com sucesso, em um ambiente com pessoas de idades e culturas diversas. Essas habilidades serão de grande relevância para a vida adulta do indivíduo e suas capacidades de atuação em meio a sociedade. Em continuidade ao raciocínio anterior, vítimas de relacionamento abusivo, em geral, possuem áreas deficitárias em suas competências sociais. Muitas vezes, a vítima é instruída por uma família onde esse tipo de comportamento é comum, desde o nascimento, facilitando a aceitação e a submissão ao agressor, que em geral, costuma ser tóxico e tomar atitudes agressivas para com a vítima (GOMES; FERNANDES, 2018).

Constantemente a vítima fica sujeita a uma situação de pressão e manipulação psicológica, onde suas vontades não são exercidas, pois as únicas realizações pessoais passam a se referir à vontade pessoal do agressor (TELES; MELO, 2003).

As interações sociais e amizades, em geral costumam ser deixadas de lado, por uma decisão do agressor, que pode utilizar de métodos como chantagem emocional e ameaças, tanto psicológicas quanto físicas para manter a vítima sobre seu controle (FALCHETTO; BROETTO, 2017).

Teles e Melo (2003) apresentam outro comportamento que pode ser considerado comum nas vítimas, são eles os comportamentos movidos medo e desespero frente a

possibilidades desastrosas as quais a vítima pode ter presenciado ou vivenciado alguma vez e corre risco de sofrer novamente.

Mulheres que possuem filhos, os quais sofrem danos físicos por parte do parceiro e de alguma forma passam a ser objeto direto de manipulação para com a vítima, familiares ameaçados, ou frequentes agressões psicológicas ou físicas, possuem uma tendência a desenvolver comportamentos passivos e desenvolver crenças paranoides, expressar ansiedade generalizada, depressão e fobias específicas (FALCHETTO; BROETTO, 2017).

Os perfis de abusadores também são importantes para entender esses relacionamentos. Muitas configurações de relacionamentos abusivos podem ser observadas, no entanto uma das mais comuns, é o de um parceiro que inicia o relacionamento como alguém muito prestativo e atencioso, faz a companheira se prender emocionalmente a ele, cria redes de interação social com entes e amigos da vítima e a partir de então passa a exercer pressão emocional e psicológica na parceria (TELES; MELO, 2003).

Em outros momentos, aquele que abusa também pode ter sido exposto a diversos tipos de traumas. Morte precoce de pessoas importantes. Rejeição por parte da família. Muitos não possuem um rumo traçado na vida, pessoas que não encontraram uma satisfação profissional ou algo que gostem muito de fazer (FALCHETTO; BROETTO, 2017, p. 140).

Essa relação consiste em colocar inicialmente o peso das culpas e ocorrências negativas na vítima, torná-la receosa em se relacionar com amigos e família, para então torná-la dependente emocionalmente, única e exclusivamente dele (ROSA; BASSAN; PITANGA, 2019).

As habilidades de interação com amigos e família, aos poucos vão sendo perdidas e substituídas somente para o essencial. Quando ocorrem agressões físicas, não é incomum a utilização de desculpas para justificar manchas e hematomas (TELES; MELO, 2003).

Gomes e Fernandes (2018) alertam que o Brasil hoje, enfrenta uma das maiores crises no que diz respeito ao feminicídio. As vítimas costumam manter costumes essenciais, como o trabalho e a ida ao mercado para fazer compras, no entanto não se dá conta inicialmente do patamar que o relacionamento está tomando.

Inicialmente o casal coopera para que tudo dê certo, logo, o parceiro passa a ditar regras simples, que aos poucos passam a ser acatadas e se transformam em requisições cada vez maiores e mais tendenciosas, amarrando a vítima em uma cadeia imperceptível de condicionamento psicológico (TELES; MELO, 2003).

As interações e amizades, citadas por Falchetto e Broetto (2017) vão se reduzindo, as desculpas aumentando, o ciclo cada vez maior de incapacitação de autonomia emocional vai se

manifestando, ao ponto de algumas vítimas passarem por uma despersonalização total, convivendo somente com uma enorme necessidade de agradar as vontades do parceiro.

O cotidiano enfrentado em meio às doenças emocionais latentes, como a depressão, ansiedade e o estresse, passa a ser rotina, até que, a vítima se cansa e passe a enxergar a situação na qual se encontra. Um patamar no qual se torna complicada a saída (GOMES; FERNANDES, 2018).

Quando a vítima tenta sair desse ciclo, geralmente o agressor manifesta as suas piores reações, agredindo fisicamente, emocionalmente, ameaçando e fazendo promessas que deixam a vítima com medo e faz com que ela volte a se submeter a tal situação (TELES; MELO, 2003).

2.5 Perfil comportamental da vítima de um relacionamento abusivo

Não existem padrões de personalidade que possam definir um perfil único das vítimas de relacionamento abusivo, o que significa que as mais diferentes personalidades podem estar sujeitas a passar por essas situações. Em geral, de acordo com Gomes (2018), as vítimas possuem em comum, alguns aspectos de padrões de relacionamentos.

São pessoas que buscam um parceiro para se sentirem completas ou possuem criações patriarcais extremas, que colocam a mulher como um objeto ou como pessoas que necessitam demonstrar submissão aos maridos para cumprirem seu papel social (FALCHETTO; BROETTO, 2017).

Os homens em meio aos quais vivemos nos dão certa função social e nos forçam a preenchê-la. Eles nos atribuem um caráter particular e frequentemente nos educam para que conservemos esse caráter. Enfim e, sobretudo, eles nos dão um nome único, nos coagem a conservá-lo, a nos distinguir de outros homens que têm outros nomes (GÓES, 2000, p. 56).

Comumente, essas mulheres desenvolvem características emocionais mais passivas, que, quando em contato com parceiros narcisistas, sociopatas, borderlines ou algum outro perfil de transtorno de personalidade que demanda uma forte capacidade emocional e psicológica de interação social, resulta em um relacionamento abusivo e desgastante (GOMES, 2018).

As noções comportamentais de Skinner ajudam a compreender como fenômenos sociais, ou culturais acontecem nas relações interpessoais. A violência é um fenômeno esboçado no interior das relações íntimas e de afeto como uma forma de relação e de comunicação. Quando essa interação ocorre com prepotência, intimidação, discriminação, raiva, vingança e inveja, costuma produzir danos morais, psicológicos e físicos, inclusive morte (ROSA; BASSAN; PITANGA, 2019, p. 04).

O sentimento de infelicidade e a situação pode chegar a atingir um patamar tão alto que as consequências passam a ser visíveis na aparência das vítimas. Elas passam a deixar de lado os gostos vaidosos a respeito de sua própria aparência, deixam de usar maquiagens,

frequentar convenções sociais, abandonam eventos de lazer, como a ida ao cinema ou passeios, deixam de cuidar da própria saúde, param de frequentar festas e conversar com amigos, ficando reclusas e estressadas (FALCHETTO; BROETTO, 2017).

Gomes (2018), explica que o estresse do relacionamento, desperta neurotransmissores que aceleram a flacidez da pele e desarranja o funcionamento normal dos órgãos internos, despertando doenças que a vítima ainda não possuía.

A dependência emocional gerada pelas persuasões e chantagens emocionais podem chegar a um nível tão alto que a vítima passa a não perceber mais a sua realidade. Quando em situações atípicas, contam para um amigo ou parente sobre a situação, acabam por denunciar o parceiro agressor. Quando isso ocorre, frequentemente as vítimas retiram a queixa e voltam a se submeter a situação abusiva, alegando realizar tal feito por amar muito o parceiro (GOMES; FERNANDES, 2018).

Muitos relacionamentos abusivos, não só colocam em risco a saúde da vítima, mas a de seus filhos e familiares, onde ocorrem abusos sexuais de filhas e filhos, agressões físicas, ameaças e constantes abusos psicológicos, que colocam não só a vítima, mas as pessoas relacionadas a ela em um estado de risco (FALCHETTO; BROETTO, 2017).

Entretanto, a maioria dos relacionamentos abusivos passam despercebidos pela sociedade, uma vez que, a ciência das situações desgastantes que estão ocorrendo, pode ser única e exclusiva da vítima, que tende a fingir que está tudo bem, demonstrando um falso estado de felicidade, seja para não envolver outras pessoas, seja por motivos financeiros, para agradar familiares, ou mesmo para passar uma boa imagem a sociedade, por motivos de criação, religiosos ou por ameaças do parceiro (GOMES, 2018).

Quando aplicada a mulheres vítimas de violência, permanecer ou sair de um relacionamento abusivo, depende, essencialmente, de suas expectativas em relação às consequências e das normas sociais. Mulheres que referem que os custos do término, como por exemplo risco de violência e menor capacidade de apoio financeiro, podem indicar que permaneceriam envolvidas com o parceiro abusivo. Da mesma forma, mulheres cujas redes sociais influentes encorajam a reconciliação, poderiam indicar a permanências neste relacionamento (GOMES; FERNANDES, 2018, p. 62).

Devido a esses comportamentos, muitas vítimas vão ao trabalho, visitam familiares e frequentam igrejas como se nada estivesse ocorrendo, enquanto o problema só aumenta e ganha uma forma mais difícil de se reverter (FALCHETTO; BROETTO, 2017).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada na pesquisa será relatada neste capítulo, que tratará de explicitar os métodos realizados.

3.1 Tipo de Pesquisa

A metodologia de pesquisa é a forma com que o estudo é organizado e descrito passo a passo, e quais os caminhos a serem percorridos para descrição, coleta e análise de dados, bem como as técnicas e instrumentos a serem utilizados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Esta pesquisa buscou verificar quais são as habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo, utilizando-se de técnicas quantitativas para coleta e análise de dados das mulheres participantes do Projeto Amaplis – Associação de Apoio Patrulha Maria da Penha e Lideranças Sociais, no município de Sinop, Mato Grosso.

A pesquisa é um procedimento racional e sistemático que auxilia na resposta de um problema proposto. A pesquisa para o pesquisador pode ser de caráter prazeroso de saber mais sobre o assunto definido ou para melhorar os conhecimentos já existentes. Sendo composta de várias etapas que devem ser minuciosamente observadas para aquisição de respostas satisfatórias. Gil (2002, p. 17) afirma que “há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podendo, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática”.

Sendo esta pesquisa de natureza básica, cujo principal objetivo é formar novos conhecimentos, segundo Appolinário (2011, p. 146), a pesquisa básica tem como objetivo principal “o avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos”.

O procedimento adotado a esta pesquisa quanto ao uso de coleta de dados, se deu através de um questionário de elaboração própria da pesquisado com o intuito de identificar as Habilidades Sociais.

Desta maneira, esta pesquisa salientou-se com uma abordagem quantitativa, que buscou trazer dados numéricos e interpretá-los utilizando-se de estatísticas. Rodrigues e Limena (2006, p. 89) afirmam “quando a abordagem está relacionada à quantificação, análise e interpretação de dados obtidos mediante pesquisa, ou seja, o enfoque da pesquisa está voltado para análise e a interpretação dos resultados, utilizando-se da estatística”.

No tocante aos objetivos metodológicos, esta pesquisa será descritiva, que por sua vez é baseada em levantamentos de dados para descrever de forma verdadeira e minuciosa experiências, situações e processos que já ocorreram, sem que haja interferência da pesquisadora (SELLTIZ et al 1965).

Este projeto de pesquisa primeiramente utilizou de dados secundários para sua realização. Para a estruturação dos capítulos I e II foram extraídos conteúdos de livros, teses, dissertações e artigos encontrados nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico e livros. E em segundo momento através de pesquisa utilizando questionário com as entrevistadas.

3.2 População e Amostra

O presente estudo será realizado no município de Sinop-MT, no projeto Amaplis - Associação de Apoio Patrulha Maria da Penha e Lideranças Sociais, com uma população de aproximadamente 80 mulheres frequentastes dos projetos sociais da base comunitária, que possuem idade entre 18 a 50 anos, e participam desse projeto que auxilia as mulheres vítimas de violência doméstica em todos os âmbitos, oferecendo tratamento psicológico, dia da beleza, bazar e arrecadação de mantimentos, dentre outras ações sociais.

A pesquisa se realizará com uma amostra de 05 mulheres inseridas no projeto e que já recebem ajuda psicológica, tendo como os seguintes critérios de escolha as participantes: faixa etária de 20 a 40 anos, que tenha sofrido algum tipo de relação abusiva e que estejam participando ativamente das reuniões que ocorrem na própria base onde funciona o projeto.

3.3 Coleta de dados

A princípio esta pesquisa tinha como principal procedimento metodológico a aplicação de teste psicológico IHS (Inventario de Habilidades Sociais) de Del Prettes e Del Prettes, e após a aplicação do mesmo seria feita a correção por uma psicóloga atuante na área, para verificar e apontar as três habilidades sociais deficitárias que mais tiveram destaque na correção, para então serem realizados os treinamentos das habilidades sociais deficitárias, por quanto não foi possível realizar a pesquisa desta maneira, pois a pandemia do Covid 19 ainda é uma realidade em nossa cidade e os trabalhos na base serem apenas de atendimento psicológico.

Sendo assim, a coleta de dados foi realizada com o auxílio de um questionário, constituído por um conjunto de perguntas que são subordinadas ao entrevistado com o objetivo de obter informações.

O referido questionário elaborado para medir as habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo, através de pesquisas em outros questionários já criados, contém perguntas abertas, isto é, que exigem uma resposta elaborada com as próprias palavras do entrevistado, o qual tem a liberdade para descrever, explicar e opinar sobre o seu questionamento, da forma mais aberta e pessoal, e também perguntas fechadas, as quais são limitadas, pois tratam-se do tipo de questão em que o entrevistado escolhe sua resposta entre as opções: sim e não (MARCONI, LAKATOS, 2002).

A pesquisa foi aplicada individualmente, nos dias 20 e 21 de outubro, na cidade de Sinop-MT, cada uma das entrevistadas teve o período de 1 hora para responder ao questionário, tempo este que foi conferido pela pesquisadora.

As perguntas são lidas e respondidas pelas entrevistadas sem que haja intervenção da pesquisadora, porém ela permaneceu todo momento por perto para tirar qualquer dúvida decorrente ao preenchimento do questionário. Após a leitura do Termo de Responsabilidade e cada um deles devidamente assinados as participantes responderam ao questionário.

Devido a pandemia do Covid-19 ainda ser uma realidade, a pesquisadora juntamente com as participantes cumprirá todas as medidas de segurança e proteção da OMS (Organização Mundial da Saúde), em todos os encontros, mantendo o distanciamento social de 1,5 metros das pessoas, higienização das mãos com álcool em gel, uso da máscara e o não compartilhamentos de materiais.

3.4 Instrumentos

3.4.1 QUESTIONÁRIO

Questionário estruturado pela pesquisadora, através de livros sobre Habilidades Sociais, bem como teses de mestrado e doutorado e outros artigos, além do IHS (Inventário de Habilidades Sociais) de Del Prettes e Del Prettes, contendo 11 perguntas relacionadas a Habilidades Sociais, sendo 08 perguntas fechadas e 03 perguntas abertas, com duração média de 1 hora.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Os dados apresentados a seguir fazem jus a pesquisa desenvolvida no mês Outubro, com quatro mulheres que sofrem algum tipo de abuso em seus relacionamentos no decorrer da vida. Todas as residentes do município de Sinop/MT, e que frequentam o grupo de apoio AMAPLIS, com uma média de idade de 30 anos. Aplicou-se o questionário de autoria da pesquisadora contendo 08 perguntas fechadas e 03 perguntas abertas.

01- Com qual idade sofreu ou ainda sofre com um relacionamento abusivo?

Sujeito A: 36 a 40 anos;

Sujeito B: 21 a 25 anos;

Sujeito C: 21 a 25 anos;

Sujeito D: 21 a 25 anos.

02- O que você entende por relacionamento abusivo?

Sujeito A: A pessoa falar que você não é capaz de executar alguma tarefa nova, brigas e gritos por nada, tapas, empurrões, puxão de cabelo.

Sujeito B: Considero como relacionamento abusivo quando a pessoa quer ser seu dono, exige coisas de você que você não quer fazer, bate, briga, xinga muitas vezes por coisa mínima, que faz você se sentir culpado e com medo.

Sujeito C: Vejo como quando a manipulações, quando a outra pessoa te faz se sentir mal por atitudes comuns que todo mundo faz e que não há nada de errado, ciúmes em excesso, proibições, te faz sentir culpado por algo de ruim que a própria pessoa fez de errado etc.

Sujeito D: Um relacionamento abusivo é onde você se sente feia, sem animo, pra baixo, se sente culpado por todas as coisas que faz, um relacionamento onde você fica com medo de falar, pensar ou fazer alguma coisa.

Observou-se que apenas uma das participantes relatou não sentir culpa ou transferência de responsabilidade, as demais participantes todas relataram sentir-se culpada por muitos erros que não foram elas que fizeram. “Os homens humilham e agridem, as mulheres têm medo, vergonha e se sentem culpadas. Os homens agem, as mulheres sentem.” (GREGORI, 1993, p. 145). Outro sentimento presente na fala das entrevistadas e a culpa, sentir-se culpado por algo que não fizeram, os sentimentos que norteiam a culpa trazem além desse sentimento a tristeza, desvia a energia central, causa baixa autoestima, entre outros.

03- Alguém da sua família sabia que os abusos estavam acontecendo?

Sujeito A: Sim, meus filhos ficaram muito triste e falavam constantemente para me separar, mas eu era carente de mais para conseguir ficar sozinha.

Sujeito B: Não, eu nunca contei nada, ele era meu primeiro namorado e já tinha visto minha mãe sofrer muito com relacionamento que achava que tudo aquilo era normal.

Sujeito C: Não, ninguém, nem amigos nem minha família imaginava, pois aparentava ser uma pessoa maravilhosa para mim.

Sujeito D: Não, quando a violência acontecia ninguém ficava sabendo nada, até porque não havia marcas aparentes e as também ele sempre me ameaçava dizendo que se eu contasse aconteceria pior, me fazia ter medo aí nunca disse nada.

Três participantes não contaram para a família, uma delas por achar normal, geralmente os agressores e abusadores utilizam da pressão psicológica entre os abusos o que faz com que as vítimas sintam que é normal ter relacionamentos assim, outra vertente verdadeira a respeito dessa alegação é o que vem de geração para geração, a avó sofreu, a mãe sofreu e eu também irei passar por isso, esses episódios são frequentemente observados pela falta de aprendizagem das habilidades sociais, o que acarreta em várias habilidades deficitárias, que poderiam ter sido aprendidas na infância. Outra entrevistada traz que o agressor parece ser boa pessoa, a maioria dos abusadores tem como característica principal atitudes discretas e sutis, geralmente são pessoas longe de qualquer suspeita e com a índole impecável, utilizam de elogios e carícias para trazer as vítimas para mais perto e acreditarem que o erro está nelas mesmas, (Salfate 2008). Marques (2005), afirma que o medo traz um sentimento de se fechar por temer que algo pior possa acontecer o que faz com que mulheres em situação de abuso sofram caladas e ainda se justifiquem como uma submissão feminina aceitável.

04- Dentre o que você entende por abuso, qual (ai) desse (s) você já passou?

Sujeito A: violência psicológica e violência física;

Sujeito B: violência psicológica e violência sexual;

Sujeito C: violência psicológica, violência patriarcal e violência moral;

Sujeito D: violência psicológica, violência física, violência patriarcal e violência moral

Ao observar o quadro de violência contra mulher nas participantes entrevistadas, nota-se com unanimidade a violência psicológica, tal violência que ganhou mais destaque agora em períodos de pandemia. Para Minayo (2009), a violência em forma psicológica é menos documentada e a mais perigosa por ir de encontro a psique humana e causar danos irreversíveis as vítimas, como depressão, ansiedade e por muitas tentativas de suicídio. Outro tipo de

violência trazida pelas entrevistadas e a violência patriarcal, tal violência vem enrustida em uma falsa proteção e zelo do parceiro, em assegurar moradia, comida, vestuário em troca da vítima ficar apenas em casa sem trabalho e estudo, tal atitude que vem sendo construída por uma sociedade até os dias de hoje patriarcal, da submissão e obediência.

05- Em meio a seu círculo de amizade e família, consegue expressar sentimentos de carinho através de gestos e palavra?

Sujeito A: Não;

Sujeito B: Não;

Sujeito C: Não;

Sujeito D: Não.

Observou-se que nenhuma das participantes consegue interagir com pessoas próximas de forma mais carinhosa, seja com gestos ou palavras. Em habilidades sociais a falta desses sentimentos diz respeito a falta de expressar sentimentos positivos para com outras pessoas, a falta dessa habilidade social pode fazer com essas mulheres prefiram o isolamento, cada vez menos utilizar palavras de carinho e as torne cada vez mais distantes da família e amigos. Giacomoni (2002), traz que tanto os sentimentos positivos como os negativos estão correlacionados com uma situação específica de prazer, bem-estar ou dor e traumas psicológicos, logo observa-se que uma mulher que passou por abusos em seu relacionamento e que tenha déficit nessa habilidade terá cada vez menos como relatar os abusos a alguém e ser acolhida pela família ou amigos, fazendo dela refém de um abuso de dela mesma.

06- Quando você se comunica é bem interpretada?

Sujeito A: Não, sempre repito o que disse;

Sujeito B: Não;

Sujeito C: Não, sempre tenho que repetir o que falo duas três vezes;

Sujeito D: Não.

Observa-se que as quatro mulheres entrevistadas apresentam dificuldade em se comunicar e serem bem interpretadas. Segundo Del Prettes e Del Prettes (2001), habilidades sociais de comunicação se configura como fazer e responder a perguntas gratificar e elogiar, pedir e dar feedback das relações sociais, manter e encerrar conversar. Ao observar esses relatos dessas mulheres fica evidente que a habilidade social de comunicação está em déficit, já que todas elas se sentem mal interpretadas ao se comunicarem, duas dessas mulheres relataram que precisam repetir duas três vezes que disseram.

07- Sobre assertividade, consegue dar opiniões verdadeira e defender seus interesses, sem causar incomodo ou tristeza a outras pessoas?

Sujeito A: Não;

Sujeito B: Não;

Sujeito C: Não;

Sujeito D: Sim.

Nota-se que a maioria das entrevistadas afirmam não conseguir dar suas opiniões sem causa incomodo a outras pessoas, Caballo (1996), refere-se à assertividade como a expressão de sentimentos negativos e defesa de seus próprios interesses. Uma mulher que sofre com relacionamento abuso tão pouco conseguira defender seus direitos já que eles são constantemente tirados ou destruídos. O fato de conseguir conversar e dar opiniões de maneira clara, objetiva sem que cause danos em outras pessoas é uma habilidade a ser desenvolvida, o mesmo autor Caballo traz a feliz afirmativa que a habilidade social de assertividade pode ser aprendida e desenvolvida desde que já treinada de forma correta.

08- Sente que depois dos abusos começou ter dificuldade em:

Sujeito A: Se comunicar com os outros e não aceitar críticas;

Sujeito B: Acreditar nas pessoas;

Sujeito C: Se comunicar com os outros, defender meus direitos e opiniões e acreditar nas pessoas;

Sujeito D: Se comunicar com os outros, defender meus direitos e opiniões e acreditar nas pessoas.

Notou-se que as habilidades sociais que mais aparecem de déficit são a habilidade da assertividade e comunicação. Após os abusos e comum verificar que as mulheres sentem dificuldade em acreditar nas pessoas, já que a confiança delas é quebrada quando há abuso, fica evidente também a falha na comunicação, o abuso causa no psicológico dessas, mulheres uma ideologia de que elas não são capazes, são inferiores, que não serão respeitadas novamente, e isso se tornando uma realidade em seu cotidiano, que impossibilita a comunicação, assertividade e acreditar no outro.

09- Apresenta dificuldade em alguma dessas Habilidades Sociais:

Sujeito A: Habilidades assertivas: saber se manifestar com equilíbrio, reconhecer erros e lidar com críticas; Habilidades comunicativas: saber como começar conversas, responder perguntas e elogiar os demais; Habilidades de sentimentos positivos: saber ser solidário e criar vínculos

de amizade; Habilidades de trabalho: saber falar em público, solucionar problemas, tomar decisões e gerenciar equipes;

Sujeito B: Habilidades assertivas: saber se manifestar com equilíbrio, reconhecer erros e lidar com críticas; Habilidades comunicativas: saber como começar conversas, responder perguntas e elogiar os demais;

Sujeito C: Habilidades assertivas: saber se manifestar com equilíbrio, reconhecer erros e lidar com críticas; Habilidades comunicativas: saber como começar conversas, responder perguntas e elogiar os demais; Habilidades de sentimentos positivos: saber ser solidário e criar vínculos de amizade; Habilidades de civilidade: saber agradecer, apresentar-se e despedir-se; Habilidades de trabalho: saber falar em público, solucionar problemas, tomar decisões e gerenciar equipes;

Sujeito D: Habilidades assertivas: saber se manifestar com equilíbrio, reconhecer erros e lidar com críticas; Habilidades de trabalho: saber falar em público, solucionar problemas, tomar decisões e gerenciar equipes.

De todas as respostas descritas nota-se que as habilidades assertivas são mais afetadas por mulheres que vivenciaram esse tipo de abuso. A influência não assertiva de uma mulher vítima de relacionamento abusivo pode resultar em algumas barreiras de limitações e ações de autorrealização próprio, ser não assertiva acarreta ainda na baixa autoestima e respeito próprio. Outra habilidade social que as mulheres entrevistadas relatam ter dificuldade é na comunicação. Del Prettes e Del Prettes (2001), afirmam que a comunicação é imprescindível para o viver em sociedade e caso a habilidade social esteja em déficit, pode trazer danos ao psicológico as vítimas.

10- Em qual (ais) momentos os abusos aconteciam?

Sujeito A: Sempre que ele bebia, aí discutíamos porque não queria que minhas filhas vissem meu marido nesse estado, ele não gostava que falava isso, me xingava e as agressões começavam;

Sujeito B: As agressões psicológicas aconteciam sempre, ele queria muito que eu emagrecesse, me arrumasse mais e quando não fazia o que ele queria, flava que eu era feia, gorda, que quando ele me deixasse eu nunca encontraria alguém, porque ninguém quer uma pessoa feia e gorda por perto;

Sujeito C: Todos os dias, era só fazer alguma coisa que ele não queria que eu fizesse ou que conversasse com outro homem;

Sujeito D: Sempre que ele fazia uso de drogas, fica transtornado e me agredia.

Geralmente homens se fazem de vítima utilizando formas de alegar suas agressões associando-as ao uso de outras substâncias como álcool, drogas, pornografia, entre outros. Ribeiro (2017), o uso de drogas lícitas como o álcool representam um potencial ainda maior de risco para as mulheres, a droga utilizada com maior frequência pelos agressores é a cocaína dependência. O uso de substâncias como exemplo drogas ilícitas, faz com que o indivíduo sinta alterações na percepção da realidade, além da excitação e euforia, já quando se faz uso de substâncias lícitas como o álcool, o indivíduo tem seu sistema nervoso central atacado e pode ter a perda do reflexo e atenção, tais sintomas são reais e são vistos em usuários desse tipo de substância, porém nada justifica o ato de abuso contra a mulher.

11- Fez algum tipo de acompanhamento psicológico durante esse tempo? Fale sobre.

Sujeito A: Durante os abusos não, porém quando me separei procurei ajuda para entender por que aceitei isso, e para deixar de ser tão carente;

Sujeito B: Sim, a terapia me fez entender que não é normal viver assim, que não é normal me submeter a 06 anos nessas condições, não porque minha mãe sofreu isso que eu também tenho que passar, e depois disso consegui terminar com esse relacionamento abusivo.

Sujeito C: Não;

Sujeito D: Sim, mas foi após a separei, busquei ajuda para uma cirurgia que iria fazer e acabei gostando e faço terapia até hoje.

Observou-se que três das quatro mulheres participantes da pesquisa procuram ajuda psicológica seja durante os abusos ou posterior a eles, desta maneira fica evidente a necessidade da ajuda psicológica nesses casos. Pode-se ressaltar o importante papel do processo psicoterapêutico cognitivo comportamental com vítimas de qualquer tipo de abuso, que consiste em uma atuação mais diretiva, com estrutura bem definida e orientada para a diminuição dos sintomas psicossociais agudos, como o estresse, medo, depressão, tentativa de suicídio, o sofrimento psíquico, o uso de substâncias, o pânico e os traumas. Nessa abordagem, o principal objetivo é o ganho de autonomia e uma melhor qualidade de vida da mulher. Para que isso aconteça, pode-se utilizar técnicas de auto diálogo, dessensibilização sistêmica, parada de pensamentos intrusivos e automáticos, role play, técnicas de respiração e relaxamento, análise de evidências, técnicas de solução de problemas, treino de habilidades sociais, dentre outras (SILVA; VAGOSTELLO, 2017).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intuito avaliar as habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo, no município de Sinop, onde foi possível avaliar o perfil de cada entrevistada.

Um dos objetivos proposto com esta pesquisa era de entender o que é um relacionamento abusivo e como ele se caracteriza em uma sociedade e na cultura atual, o relacionamento abusivo discorre de várias vertentes e vários entendimentos, para alguns apenas as formas mais graves e aparentes são tidas como abuso, para outros tudo que vem de forma a causar danos em outras pessoas já é abuso, foi possível observar que cada uma das mulheres trazem um relato sobre o que é o relacionamento abusivo, alguns relatos parecidos e outros nem tanto, mas todos como a mesma essência, de causar dano ao outro.

Além disso, a cultura patriarcal diz muito sobre o relacionamento abusivo e como em alguns momentos ele é permitido, notou-se que dentre as entrevistadas, duas delas trazem como ser normal o abuso acontecer ou que o abusador é livre de qualquer suspeita, o que diz respeito a cultura patriarcal permitir que alguns abusos aconteça.

Sobre a questão de violência, todas as entrevistadas alegaram que sofreram violência psicológica, o que fica claro o quanto esse tipo de violência vem crescendo e fazem várias vítimas, tal violência a pouco foi conhecida e que é mais sofrida entre as entrevistadas.

Outro objetivo desta pesquisa era identificar quais habilidade sociais estavam em déficit, o que foi possível destacar através da utilização do questionário aplicado a essas mulheres. Notou-se também que três das entrevistadas sobre abusos em seus relacionamentos na mesma idade, de 21 aos 25 anos.

Como hipótese inicial este trabalho descrevia que umas das habilidades sociais em déficit em mulheres vítimas de relacionamento abusivo era a comunicação, o que foi possível confirmar nessa pesquisa com base nas respostas apresentadas pela entrevistadas como não saber se comunicar ou não ser bem interpretada quando se comunica, depois que os abusos começaram sentem dificuldades e se comunicar e creditar em outras pessoas e sob explicação do que são as habilidades sociais assinalaram que uma das habilidades sociais em déficit era a de comunicação.

Outra hipótese desta pesquisa previa-se que as habilidades sociais deficitárias em mulheres vítimas de relacionamento abusivo eram as habilidade de assertividade, que também foi possível observar traves das respostas das entrevistadas que foram não conseguir expressar palavras ou gestos de carinho a amigos e familiares, dar opiniões verdadeira ou defender seus

direitos e sob explicação do que são as habilidades sociais assinalaram que uma das habilidades sociais em déficit era a de assertividade.

Outro objetivo proposto era de comparar os abusos, e em alguns relatos trazido pelas entrevistas, os abusos quando combinados com o uso de substâncias ilícitas ou lícitas tem maior proporção e que os agressores por muitas vezes se escondem atrás dessas substancias como álcool e drogas para alegarem tais abusos.

Assim, através desta pesquisa foi possível verificar que mulheres em diferentes idades e por tempo de abuso diferentes tem suas habilidades sociais afetadas, e que sua maioria são as habilidades de comunicação e assertividade. Desta forma foi possível responder a hipótese proposta nesta pesquisa de que a comunicação e assertividade são habilidades em déficit em mulheres que sofrem algum tipo de abuso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.; MARQUES, D. O. **Leituras de direito: violência doméstica e familiar contra a mulher**. Natal: TJRN, 2017.
- ARAÚJO, M. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2021.
- ARENDDT, H. **Da violência**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- AZEVEDO, M. **A teoria cognitiva social de Albert Bandura**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, 1997. 20 p. Disponível em: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~mdazevedo/materiais/ME&TES/Aprendiz02CognitSocial.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021.
- BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z.; DEL PRETTE, A. **Estudos sobre habilidade sociais e relacionamentos interpessoais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- BANDURA, A. **Teoria social cognitiva: Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.p. 176
- BARRETTO, R. S. **Psicóloga explica relacionamento abusivos: o que é e como sair dessa situação**. Entrevista. UNESP, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://reporterunesp.jor.br/2015/08/20/psicologa-explicarelacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>. Acesso em: 12 maio 2021.
- _____. **Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final**. **Gênero**, Niterói, v.18, n. 2, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31312/18401>. Acesso em: 12 maio 2021.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BISACCIONI, P.; CARVALHO NETO, M. B. Algumas considerações sobre o “pequeno Albert”. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 491-498, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n2/v18n2a22.pdf>. Acesso em: 06 maio 2021.
- BOLSONI-SILVA, A.T. *et al.* Avaliação de um Treinamento de Habilidades Sociais (THS) com Universitários e Recém-Formados. **Interação em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 241-25, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/13597/11370>. Acesso em: 05 maio 2021.
- BRASIL. Lei nº 11.340. Lei Maria da Penha. Brasília: **Presidência da República**, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acessado em: 17 maio 2021.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. 96 p.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2008.

_____. O treinamento em habilidades sociais. *In*: CABALLO, V. E. (org.). **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. São Paulo: Santos Livraria Editora, 1996.

_____. O treinamento em habilidades sociais. *In*: CABALLO, V. E. (org.). **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. São Paulo: Santos Livraria Editora, 2003. p. 3-42.

CASIQUE, C. L. **Violência perpetua por companheiros íntimos a mulheres em Celaya, México**. 2004. 167 f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) – Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, 2004.

DEL PRETTE Z. A.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. **Perspectivas**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 104-115, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482010000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 maio 2021.

_____. **Habilidades sociais: intervenções efetivas em grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

_____. **Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 46 p. Disponível em: <https://www.rihs.ufscar.br/inventario-de-habilidades-sociais-2-ihs2-del-prette/>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

_____. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Competências social e habilidade social: manual teórico/prático**. Petrópolis: Vozes, 2017.

DEMOLINARI, S. **Tipos de abuso no relacionamento**. 2017. Disponível: <http://hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/simone-demolinari-1.334203/tipos-de-abuso-no-relacionamento-1.457922>. Acesso em: 17 maio 2021.

DIAS, I. S. Competências em educação: Conceito e significado pedagógico. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 73-78, jun. 2010.

DIAS, M. B. **A lei Maria da Penha na justiça**: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

DIETZ, N. A.; MARTIN, P. Y. Women who are stalked: questioning the fear standard. **Violence Against Women**, v.13, n.7, p.750-776, 2007.

FALCHETTO, G. N.; BROETTO, T. O. M. **Amores abusivos**: sob o olhar delas. São Paulo: Unesp, 2017. 144 p.

FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-32, jun. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2021.

_____. Habilidades sociais para além da assertividade. In: WIELENSK, R. C. A (Org.). **Sobre comportamento e cognição**: questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos. Santo André: ESETEC, 2001. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp130014>. Acessado em: 13 maio 2021.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FERREIRA, W. **(In)visíveis sequelas**: a violência psicológica contra a mulher sob o enfoque gestáltico. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/dissert/Wanderlea.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021.

FREITAS, M. F. R. L.; DIAS, J. P. Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos. **Ciências & Cognição**, v. 15, n. 3, p. 204-205, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n3/v15n3a17.pdf>. Acesso em: 05 maio 2021.

GARCIA-MORENO, C. *et al.* **Estudo Multicultural da OMS sobre Saúde da Mulher e Violência Doméstica contra a Mulher**: resultados iniciais em prevalência, resultados de saúde e respostas das mulheres. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2005.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIACOMONI, C. H. **Bem-Estar subjetivo infantil: Conceito de felicidade e construção de instrumento para avaliação (Tese de doutorado em Psicologia)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓES, M. C. R. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação e Sociedade**, v. 21, n. 71, jul. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QG7YrQc3fwpy9KcChT37rSd/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2021.

GOMES, I. R. R. **A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo.** 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3223>. Acesso em: 19 maio 2021.

GOMES, I. R. R.; FERNANDES, S. C. S. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da Ação planejada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 38, n. 94, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v38n94/v38n94a06.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

GOMES, R.; MINAYO, M. C. S; SILVA, C. F. R. Violência contra a mulher: uma questão transcultural e transnacional das relações de gênero. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005. p. 117-140.

GREGORI, M. F. **As Desventuras do Vitimíssimo.** *Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, p. 143-149, 1993.

GRESHAM, F. M. Análise do comportamento aplicada às Habilidades Sociais. *In*: DEL PRETTE A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). **Psicologia das Habilidades Sociais: diversidade teórica e suas implicações.** Petrópolis: Vozes, 2009.

HARRIS, B. Whatever Happened to Little Albert? **American Psychologist**, n. 34, n. 2, p. 151-160, 1979. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232506368_Whatever_Happened_to_Little_Albert. Acesso em: 06 maio 2021.

HIRIGOYEN, M.F. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

ILLERIS, K. (org.). **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem.** Porto Alegre: Penso, 2013.

JOHNSON, A. G. **O nó do gênero: desvendando nosso legado patriarcal.** Filadélfia: Temple University Press, 1997.

KESTENBERG, C. C. F. **Avaliação de um programa de desenvolvimento de empatia para graduandos de enfermagem.** 2010. 250 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.btd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5015. Acesso em: 28 maio 2021.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada.** Curitiba: Intersaberes, 2014.

LEÃO, M. F.; DUTRA, M. M. Influências do comportamentalismo, cognitivismo e humanismo na prática pedagógica de alguns professores de ciências da região do baixo Araguaia (MT). **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 40, n. 76, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38488>. Acesso em: 05 maio 2021.

LEMOS, M. S.; MENESES, H. I. A Avaliação de Competência Social: versão portuguesa da forma para professores do SSRS. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 267-274, 2002.

- LIANE, S.; ROVINSKI, R. **Dano psíquico em mulheres vítimas de violência**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2004.
- MANITA, C; RIBEIRO, C; PEIXOTO, C. **Violência doméstica: compreender para intervir**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009. 64 p.
- MARQUES, T. M. **Violência conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos**. 2005. 300 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- MCFALL, R. M. A review and reformulation of the concept of social skills. **Behavioral Assessment**, v. 4, p. 1-33, 1982.
- MELLO, G. N. **Habilidades e competências em educação**. São Paulo: Editora Abril, 2003.
- MILLER, L. **Protegendo as mulheres da violência doméstica: seminário de treinamento para juízes, procuradores, promotores e advogados no Brasil**. 2.ed. Brasília: Tahirid Justice Center, 2002.
- MILLER, M. S. **Feridas invisíveis**. São Paulo: Summus, 1999.
- MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. 132 p.
- MONTEIRO, C. F. S.; SOUZA, I. E. O. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 26-31, 2007.
- MOREIRA, M. A. **Teorias da aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2011.
- MOREIRA, M. B. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 224 p.
- MOREIRA, P. **Competências sociais e assertividade**. Porto: Porto Editora, 2004.
- OSTERMANN, F. **Teorias de Aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.
- PEREIRA, D. C. S.; CAMARGO, V. S.; AOYAMA, P. C. N. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 10-25, ago. 2018.
- PORTELLA, M. (Org.). **THS: treinamento em habilidades sociais**. Rio de Janeiro: CEPAPF-RJ, 2011. 74 p.
- PORTELLA, M. **A ciência de falar em público**. Rio de Janeiro: Edições CPAF-RJ, 2010.
- PORTO-CRUZ, M.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. A Permanência de Mulheres em Situações de Violência: Considerações de Psicólogas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v.

30, n. 3, p. 267–276, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n3/04.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

POZO, J. I. **Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

RAMIREZ, D. E. Factores psicossociales de la violencia familiar. **Rev. Enfermagem**, México, v. 37, n. 1-2, p. 8-15, 2001.

RANGÉ, B. *et al.* **Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas**. Campinas: Editorial Psy, 1995.

RIBEIRO, H. L. *et al.* **Dependência química na mulher e violência doméstica**. Revista Debates em Psiquiatria. Jul/ago. 2017. p. 14-19. Disponível em: <<http://www.abp.org.br/rdp17/04/rdp0402.pdf>> Acesso em: 01/10/2021.

ROSA, A. F.; BASSAN, G. N.; PITANGA, A. V. **Relacionamentos abusivos: na perspectiva da análise do comportamento**. 2019. 21 f. Artigo (apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário de Anápolis, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/11411>. Acesso em: 20 maio 2021.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001.

SANTIAGO, R. A.; COELHO, M. T. A. D. **A violência contra a mulher numa perspectiva histórica e cultural**. In: Seminário internacional enlaçando sexualidades direito, relações etnoraciais, educação, trabalho, reprodução, diversidade sexual, Comunicação e Cultura. Salvador, set. 2011.

SILVA, A. T. B.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 3, n. 3, p. 203-215, 2000.

SILVA, C. **A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero**. Revista Direito em Foco, 2012.

SILVA, I. V. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde pública**, v. 19, p. 260-272, 2003.

SILVA, K. S.; FONSECA, L. S. (org.). **Teorias da aprendizagem: perfis de práticas no ensino de ciências e matemática**. Aracaju: IFS, 2019. 147 p.

SKINNER, B. F. Behaviorism at fifty. In: SKINNER, B. F. (Ed.). **Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1963. Disponível em: <http://www.bfskinner.org/wp-content/uploads/2014/07/CoR.pdf>. Acesso em 05 maio 2021.

SOARES, B. M. **Enfrentando a violência contra a mulher:** orientações práticas para profissionais e voluntários (as). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SOUZA, M. A. V. F. S. **Teorias da aprendizagem:** Tendências e potencialidades. Vitória: Ifes, 2015.

SOUZA, V. B.; ORTI, N. P.; BOLSONI-SILVA, A. T. Role-playing como estratégia facilitadora da análise funcional em contexto clínico. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 102-122, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151755452012000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2021.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper. A violência e as relações de gênero na sociedade contemporânea: um debate educacional. *In:* Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 3., 2014, Londrina. **Anais** [...]: Universidade Estadual de Londrina. 9 p. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT7_Maria%20Cristina%20Elias%20Esper.pdf. Acesso em: 05 maio 2021.

TAVARES, O. J. R. **Violência conjugal:** dados sócios demográficos, comportamentos e crenças associados – “fragmentos de um Amor menor”. 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado em Formação de Adultos e Desenvolvimento Local) - IPP - Instituto Politécnico de Porto Alegre, Porto Alegre, 2011.

TELES, M. A. A.; MELO, M. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) Senhor (a) Esta pesquisa é sobre Habilidades Sociais de Mulheres Vítimas de Relacionamento Abusivo e está sendo desenvolvida por Luciene Cristina Ruedell, do Curso de Psicologia da UNIFASIPE de Sinop-MT, sob a orientação do(a) Prof. (a) Cleoni Carmem Regauer. Os objetivos do estudo são identificar quais habilidades sociais estão em déficit em mulheres que sofreram ou que ainda sofrem com relacionamentos abusivos. Solicitamos a sua colaboração para que responda o questionário semiestruturado, com o tempo médio de duração de 1 hora, como também sua autorização para apresentar os resultados caso o trabalho venha a ser publicado, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa pode causar ansiedade, reações emocionais e mal-estar devido a lembranças traumáticas ou constrangedoras. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Sinop, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Telefone: (66) 99241-9787

E-mail: luciene.ruedell@gmail.com.

APÊNDICE B

Questionário feito pela acadêmica da UNIFASIPE, Luciene Cristina Ruedell para a pesquisa de monografia do curso de Psicologia, com o Tema Habilidades Sociais de Mulheres Vítimas de Relacionamento Abusivo.

Idade: _____

01- Com que idade sofreu ou ainda sofre com um relacionamento abusivo?

- 15 a 20 anos
 21 a 25 anos
 26 a 30 anos
 31 a 35 anos
 36 a 40 anos
 Outra: _____

02- O que você entende por relacionamento abusivo?

03- Alguém da sua família sabia que os abusos estavam acontecendo?

- Sim Não

04- Dentro que você entende por abuso, qual (ais) desses você passou?

- Violência Psicológica: violência contra o sistema psíquico, implicando na desvalorização e danos emocionais.
 Violência Física: maus-tratos físicos ou abuso físico, uso da força física de forma intencional.

Violência Sexual: todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas.

Violência Patriarcal: conduta do parceiro de reter ou destruir objetos, documentos, bens, valores, recursos econômicos, entre outros, inclui o ato de subtrair objetos da vítima.

Violência Moral: ato de calúnia, injúria ou difamação.

05- Em meio a seu círculo de amizade e família, consegue expressar sentimentos de carinho através de gestos e palavra?

Sim

Não

06- Quando se comunica é bem é interpretada?

Sim

Não

07- Sobre assertividade, consegue dar opiniões verdadeira e defender seus interesses, sem causar incomodo ou tristeza a outras pessoas?

Sim

Não

08- Sente que depois dos abusos começou ter dificuldade em:

Se comunicar com os outros

Defender seus direitos e opiniões

Acreditar nas pessoas

Não aceita criticas

09- Apresenta dificuldade em alguma dessas Habilidades Sociais:

Habilidades assertivas: saber se manifestar com equilíbrio, reconhecer erros e lidar com críticas;

Habilidades comunicativas: saber como começar conversas, responder perguntas e elogiar os demais;

Habilidades empáticas: saber se colocar no lugar do outro, reconhecer seus sentimentos e necessidades;

Habilidades de sentimentos positivos: saber ser solidário e criar vínculos de amizade;

Habilidades de civilidade: saber agradecer, apresentar-se e despedir-se.

Habilidades de trabalho: saber falar em público, solucionar problemas, tomar decisões e gerenciar equipes;

[] Nenhuma das alternativas.

10- Em qual (ais) momentos os abusos aconteciam?

11- Fez algum tipo de acompanhamento psicológico durante esse tempo? Fale sobre.
